

# dancar<sup>®</sup>

P R E S S

ANO II - NÚMERO 3 - 1992

EDITORA  
DANCAR  
**10**  
ANOS  
1982 - 1992



PERFIL:

CECÍLIA  
KERCHE

FESTIVAIS  
NACIONAIS:

COBERTURA  
COMPLETA

# CARLTON

A HISTÓRIA E AS



ATRAÇÕES PARA 92

# VIDA NOVA PARA AS SAPATILHAS!

Quando em 1889 um imigrante italiano, Salvatore Capezio, se instalou em Nova Iorque como sapateiro especializado em consertar sapatilhas, ninguém poderia imaginar que a marca a qual ele deu seu nome se tornaria, um século mais tarde, a mais importante no mercado da dança. Cem anos mais tarde, em Paris, num bairro que concentra um grande número de escolas de dança, a MAISON INTERNATIONALE DE LA DANSE, fundada por um outro italiano, revoluciona o mercado de sapatilhas de ponta e meia ponta.

Invenção revolucionária: a BLINDAGEM!

A MAISON INTERNATIONALE DE LA DANSE atendendo a sua clientela depois de mais de trinta e cinco anos decidiu empenhar-se em resolver o problema do gasto excessivo desapatilhas. Foi assim que se chegou ao sistema de blindagem das pontas e solas das sapatilhas. É importante assinalar que o inventor da blindagem não é um comerciante, mas um ex-bailarino interessado em ajudar o desenvolvimento da dança.

Bailarinos e professores do mundo todo já tomaram conhecimento da novidade. Se você deseja receber uma documentação mais detalhada sobre blindagem, responda ao nosso formulário. Esperando sua resposta, agradecemos antecipadamente.

MAISON INTERNATIONALE DE LA DANSE  
5, Rue de Bruxelles  
75009 - Paris  
FRANCE

## VANTAGENS DA BLINDAGEM

- \* Inacreditável economia
- \* Torna a ponta da sapatilha indestrutível e a alma, dez vezes mais resistente
- \* Processo simples de ser efetuado, não necessitando mais que dois minutos para blindar as pontas e doze para a alma
- \* Pode ser refeita quantas vezes desejar-se
- \* Não altera nem o peso, nem o formato das sapatilhas
- \* Produto transparente e não tóxico
- \* Funciona para sapatilhas novas ou já usadas e para todas as marcas
- \* Pode ser graduada, segundo a necessidade da bailarina
- \* Pontas e solas como novas, sem o desconforto de uma sapatilha realmente nova: é o fim das bolhas!
- \* Sapatilhas de meia ponta também são reforçadas, tendo sua duração triplicada

## FORMULÁRIO À RESPONDER

Nome e sobrenome ..... Idade .....

Name da Cia/ Escola/ Grupo ..... End. da Cia/ Escola/ Grupo ..... Fone .....

CEP ..... Cidade ..... País .....

Posição que ocupa no grupo ..... Qual a marca de sapatilha que mais utiliza? .....

Quantos pares utiliza por mês? ..... Qual é o preço do par? (em dólares) .....

Onde compra, geralmente, suas sapatilhas? (nome e end.) .....

Haveria interesse em receber informações sobre como prolongar a duração das sapatilhas de meia ponta? .....

Sim, eu gostaria de receber:  um kit gratuito,  uma amostra de sapatilhas blindadas, sendo um pé usado e o outro blindado para facilitar a comparação.

## EDITORIAL

DANÇAR PRESS traz nesta edição uma cobertura

completa dos principais eventos do semestre, com informações sobre os Festivais e as críticas dos espetáculos.

Há ainda o perfil da bailarina Cecilia Kerche, uma matéria sobre duas importantes precursoras da dança moderna no

Brasil (Renée Gumiel e Marla Duschenes) e a reportagem

completa sobre o Carlton Dance: uma breve retrospectiva dos

Festivais anteriores e as novidades para 92.

A palavra-chave que alimenta a mídia do Carlton Dance é

a vanguarda. A eterna preocupação com o "novo". A mesma

que atravessa a pauta de eventos nacionais como

"Dançarinos-Coreógrafos" que teve espaço no Centro

Cultural São Paulo. Mas afinal, o que pode ser considerado

uma nova forma estética no universo congestionado de

informações a que somos expostos na tão

discutível pós-modernidade?

A matriz da dança, como explicava a filósofa Susan Langer,

é o gesto. Mas não o gesto comum. O gesto imaginado.

Aquele que o coreógrafo elabora virtualmente, e só em um

segundo momento ganha corpo no corpo que dança. Não há

fórmulas de criação coreográfica. Apenas vivências diferentes

que nutrem a imaginação de cada bailarino. Al aparecem as

diferenças culturais e a riqueza das inter-relações que

exploram um tempo/espaco com fronteiras permeáveis e

transparentes. É indiscutível a necessidade da multiplicação de

eventos como o Carlton, possibilitando ao público nacional

uma tomada de fôlego em meio à crise generalizada que, além

de privar artistas brilhantes dos recursos necessários à

produção de suas obras, limita a chegada de informações das

atividades artísticas realizadas no exterior, dificulta a pesquisa

no país e interrompe o ciclo de desenvolvimento dos

processos criativos mais elaborados.

A REDAÇÃO



## DOIS FLAGRANTES DO FOTÓGRAFO SÉRGIO VIEIRA



Raymundo Costa e Suzana Maíra do Balé da Cidade de São Paulo.

**A Sagração da Primavera**  
Modis Eksteins, trad. Rosana Eichenberg, Ed. Rocco, RJ, 1991

O autor faz um relato histórico sob a forma de um drama, com atos e cenas. O subtítulo do livro esclarece as suas intenções: "A grande Guerra e o nascimento da era Moderna".

O título **A Sagração da Primavera**, refere-se à obra de Stravinsky apresentada pela primeira vez em Paris, em maio de 1913, um ano antes da deflagração da Guerra. Para Eksteins, esta deve ser a obra emblemática do século 20. Nela, para sagrar a primavera dever-se-ia sacrificar uma virgem. Em busca da vida, a Grande Guerra matou milhares de seus "melhores seres humanos", daí a associação do autor entre ficção e realidade.

O livro é recheado de citações sobre a história da dança, especialmente, é claro, sobre a coreografia de Nijinsky para a **Sagração**. Há muitas informações sobre Diaghiliev e os Ballets Russes. Mas há passagens sobre Isadora Duncan, Rudolf Von Laban, Marius Petipa e Marie Rambert, entre outros. Vale conferir!

**Conheça duas**

**obras que nos**

**ajudam a ler**

**o movimento**

**corporal sob o**

**ponto de**

**vista**

**histórico e**

**ideológico.**

**Dança Afro: sincretismo de movimentos** Nadir Nóbrega Oliveira, Ed. UFBA, BA, 1991

O livro foi lançado, em janeiro, pela pesquisadora baiana Nadir Nóbrega Oliveira. Em 70 páginas, com textos e ilustrações de movimentos, a autora fala sobre a dança-afro a nível mundial, mas concentra o seu objeto de estudo no aparecimento, desenvolvimento e conseqüentes implicações sociais e estéticas deste estilo na Bahia.

Segundo a bailarina, a dança-afro chegou ao Brasil através das aulas de Mercedes Baptista, aluna da precursora americana Katherine Dunham. Além da história e das características técnicas, o livro aborda aspectos sociais como a discriminação do dançarino negro, entre outros. A autora formou-se na UFBA (Universidade Federal da Bahia) e iniciou-se em afro, através do coreógrafo americano Clyde Morgan (residente durante anos na Bahia). Atualmente é professora de dança e coreógrafa. Para escrever o livro contou com o apoio da entidade escocesa de auxílio às pesquisas latino-americanas "Cáritas".



Ginástica localizada e aeróbica  
Baby-class e Ballet Clássico

Jazz com  
**MAÍSA TEMPESTA**  
Moderno com

**VICTOR AUKSTIN**

Rua São Daniel, 173  
CEP 04288  
Saúde-S. Paulo  
Fone: (011) 272-0002



**Pilas E-7 e vídeos para ballet,**  
ginástica classes infantis - solo de piano

Música erudita - Jazz - Brasileira  
Conjunto Completo de 14 flautas para ballet do baby-class ao superior, mais 16 flautas eruditas desde baby até profissionalista.  
Total de 30 flautas sendo 1 de música brasileira  
Ballet - Segueando (orquestra)

Pianista **Susana Mendes**

R. Petrólio Grande, 581 apt. 72  
CSP 01409  
Fone: (011) 204-1174/ 205-2756/ 207-8153  
Fax: 205-2811 - São Paulo



**BALLET ISMAEL GUISER**  
DIRETORA ASSOCIADA:  
**YOKO OKADA**

\* moderno  
\* jazz

\* ginástica modeladora  
\* ballet para crianças  
\* clássico profissionalizante

Rua Arthur de Azevedo, 189 - tel: 64-9572  
Rua Alves Guimarães, 441 - tel: 280-0434



Foto da Capa:  
La La La Human Steps  
(Dhulgachó)

Diretor Geral:  
Pedro Geraldo Branco Jr.

Diretora:  
Nilde Branco

Jornalista Responsável:  
Marcos Baggio D.R.T.  
n.º 24.440/16993/84

Conselho Editorial:  
Marcos Baggio e  
Christine Greiner

Projeto Gráfico:  
Nelson Lopes

Edição de Arte:  
Marta Bertoldi Zampini

Colaboraram  
nesta edição:  
Helena Katz,  
Cecília Naves e  
Wagner Araújo

Dept. Administrativo:  
Sílvia Branco

Dept. Comercial:  
Soraya Galgani e  
Guilherme Hungria

Secretaria:  
Débora Teixeira

Auxiliar de Escritório:  
Ricardo A. de Oliveira

Editoração Eletrônica:  
Marta Bertoldi Zampini

Fotolito:  
Litorromia

Assessoria Jurídica:  
Cássio Felix Adrogado

Assessoria Contábil:  
Pedro Geraldo Branco

**DANÇAR PRESS**  
é uma publicação da  
Dancar - Empresa Editorial  
de Comunicação Ltda.  
Rua Albatroz, 304  
São Paulo - SP - Brasil  
Tel: (011) 279-4158  
277-1088

Inscrita no CFC n.º  
35.001.438/8758. Lei 7505  
É vedada qualquer  
reprodução em parte ou no  
todo destes artigos ou  
fotos. Os artigos assinados  
não representam,  
necessariamente, a opinião  
desta revista.



**S U M Á R I O**

<b>3</b>	<b>EDITORIAL</b>
<b>4</b>	<b>LIVROS</b>
<b>6</b>	<b>BATERIA</b>
<b>9</b>	<b>DANÇARINOS-CONTEMPORÂNEOS</b> - Denilto Gomes, Susana Yamauchi, Renata Melo, Célia Gouvêa, Ana Maria Mondini e Umberto da Silva, artistas que pesquisam em si mesmos novos processos de investigação em dança.
<b>12</b>	<b>COMPANHIAS NACIONAIS (Reportagens e Críticas)</b> - Balé da Cidade de São Paulo, Grupos Carocas, Balé do Teatro Guaíra, Corpo e Balé da Fundação Palácio das Artes, Stagium e Cisne Negro.
<b>17</b>	<b>CARLTON DANCE</b> - Uma digressão no que passou. As atrações deste ano.
<b>23</b>	<b>HISTÓRIA</b> - Maria Duschenes e René Gumiel
<b>24</b>	<b>HELENA KATZ</b> - Comenta as novidades do exterior.
<b>26</b>	<b>IN MEMORIAN</b> - O desaparecimento de nomes importantes: Val Folly e Klaus Vianna.
<b>28</b>	<b>FESTIVAIS E ENCONTROS</b>
<b>30</b>	<b>PERFIL</b> - Cecília Kerche
<b>32</b>	<b>AGENDA</b>

**São Paulo (1)**

O Ballet **Ismael Guiser** está com Jornadas de Fe 2, um projeto iniciado em 91 como homenagem a Martha Graham. Agora, o grupo tem se apresentado pelo estado de São Paulo mostrando três novos trabalhos: **Amar, Amor, Amel** do próprio Guiser em clima dos Estudos de Chopin; **Andante** de Lutz Arrteta, a partir da Sonata n° 1 de Bach; **In Glorian** Alleluya de Daniel Lupo com música de Mozart; e **Nimrod**, uma viagem de Guiser nas **Variações Enigma** de Elgar.

**São Paulo (2)**

Em abril deste ano, o projeto **Dança Nova**, dirigido por Aura Gomes, apresentou no Teatro Brasileiro de Comédia, a temporada do **Guasar e Cia. de Dança**, uma companhia goiana, fundada em 88. O grupo, pela primeira vez em São Paulo, é bem humorado e irreverente, usando mímicas e técnicas de circo. O Guasar ganhou o primeiro lugar no 1º Festival de Dança de Brasília em 91.

**São Paulo (3)**

O bailarino **Lutz Nascimento**, depois de mais de dez anos, está de volta para ministrar uma oficina de dança clássica, no Centro Cultural São Paulo, e remontar D. Guixote para o grupo de Halma Blernaka. Residindo atualmente na Holanda, em Amsterdã, ele é professor e participa de montagens musicais. Lutz Nascimento já foi do Balé da Cidade de São Paulo, Balé de Geneve (Suíça), Cia. Nacional de Bailados de Lisboa e atuou também no Canadá e Alemanha. Em junho.

**Santo André**

No final de 91, o grupo **Quartier Latin**, dirigido por Marisa Ballarini, em parceria com o Teatro Municipal, montou o **Quebra-Nozes**. Paralelamente à apresentação foram organizadas palestras didáticas com Cecília Kerche, Marcelo Missalidis, Eleonora Greca, Jair Moraes, Ana Botafogo e Paulo Rodrigues. Para este ano, estão sendo preparadas novas produções.

**Ribeirão Preto**

O **Dancarte**, de Ribeirão Preto, continua sem patrocínio. Em 91, o grupo recebeu primeiros lugares nos Festivais de Uberlândia e Joinville. Os oito bailarinos tentam se manter fazendo espetáculos na cidade e Interior do estado. Onde está a Secretaria Municipal de Cultura de Ribeirão Preto?

**Araras**

A Secretaria Municipal de Araras realiza nos dias 26, 27 e 28 de junho, a **3ª Mostra de Dança**, na qual reunirá grupos profissionais e amadores no Teatro Estadual de Araras.

**Campinas**

Os campinheiros saltam na frente. O Prêmio-Estímulo criado pela Prefeitura local é uma iniciativa inédita. Os projetos escolhidos para receberem subvenções foram **Lama ao Redor dos Olhos** de Holly Cavrell, **Maria Padilha da Cruz das Almas** de Graça Maria Navarro, **O Cênico** **Enquanto Uma Estética de Pesquisa** de José Antonio de Oliveira Lima e **Terpsichore** e **Suselaine S. Martinelli**.

**Curitiba (1)**

Acontece de 1 a 4 de julho, no Teatro Guaíra, o **2º Festival Nacional de Balé Clássico de Curitiba**, promovido pela Academia Petli Ballet. O evento vai reunir 10 grupos amadores vindos de São Paulo, Belo Horizonte, Londrina, Pelotas, Rio e Curitiba. Ana Botafogo, Cecília Kerche, Paulo Rodrigues e Marcelo Missalidis, do Rio, Jair Moraes e um bailarino do Balé de Cuba são os convidados. Serão mostrados trechos famosos de balés de repertório e pas-de-deux.

**Curitiba (2)**

No final de novembro, será realizado pela Arte de Fato, de Curitiba associado à AR Produções de Nova York, o **Festival Internacional de dança**, durante duas semanas. Adriana Lerner e Rosana Chameck, da AR, terão cerca de sete companhias estrangeiras (ao todo serão 10 ou 12 grupos). O critério de seleção será a inovação na linguagem da dança. Espera-se que a Fundação Teatro Guaíra se faça presente. A dança vem sendo estimulada no Paraná a ponto de a Universidade Federal ter criado um grupo Júnior para bailarinos de 5 a 11 anos, com um programa de formação completa.

**Blumenau**

No final de 92, o Pró-Dança de Blumenau apresentará **La Fille Mal Gardée**, um balé cômico francês. Na estreia (2 de dezembro), dançarão nos papéis principais Ana Botafogo e Paulo Rodrigues. Os ensaios já estão em andamento desde novembro de 91.

**Cuiabá**

A criação da **Companhia de Dança Vão Livre** abre uma nova perspectiva para a dança do estado do Mato Grosso. Recebendo professores convidados, como Claudemir Cruz, do Balé Guaíra de Curitiba (PR), o grupo pretende revitalizar a dança dessa região. No começo do ano, apresentaram a coreografia **Conteúdos da Terra**, coreografada por Paulo Medina. O tema foi a Chapada dos Guimarães.

**Rio de Janeiro**

A coreóloga do Balé do Teatro Municipal **Cristiana Lara Resende** e o comunicador visual e matemático **Celso Wilmer** criaram um método de ilustrações feitas no computador para registrar coreografias. O trabalho foi realizado com uma Bolsa da Fundação Vláze. A teoria partiu do método Rudolf Benesh de escrita do movimento.

**Niterói**

**Alicia Alonso**, diretora do Teatro de Havana, um dos mais importantes no contexto da América Latina, deu aula para professores e bailarinos no Hotel Buecksky Mar e participou também do encerramento do curso de Cuballet (Escola Cubana de Balé), no Estádio Calo Martins; em fevereiro.

**Salvador**

O Ballet **Rosana Abubakir** trouxe para seu festival anual de 91, que comemorou cinco anos de existência, o prestigiado bailarino Ferrnando Bujones, a estrela do Boston Ballet. Bujones comemora também junto ao Boston Ballet 20 anos de carreira profissional.

**Porto Alegre I**

O Espaço Cultural do Trabalho - Usina do Gasômetro é a mais recente e bonita novidade da capital gaúcha. Onde antes era a usina Termoeletrica, fundada em 1928, hoje é um centro múltiplo de estudo e lazer para abrigar os movimentos sindical, popular e de cultura: a ligação entre trabalho e arte. Estão previstas oficinas especiais de dança. A Usina fica ao lado do Rio Guaíba, com um barco atracado que faz passeio ecológico no Delta do Jacuí.

**Porto Alegre 2**

A 2ª Gala Coreográfica marcou o encerramento dos trabalhos do 1º Seminário de Dança do Cone Sul, em janeiro deste ano. Este evento reuniu coreógrafos e professores do Uruguai, Argentina, Paraguai, Brasil e Chile para estreitar o relacionamento entre a dança desses países e manter a cultura regional, fortalecendo o desenvolvimento da dança latino-americana.

**Fortaleza**

Em janeiro foi realizada a homenagem **Vida e Arte Fernando Mendes** para angariar fundos para o tratamento de saúde deste jovem e talentoso bailarino. Ocorreram exposições de fotos e vídeo sobre a sua carreira, que do Ceará alcançou participações em companhias conceituadas: o Balé do Teatro Municipal do Rio, o Stuttgart da Alemanha e o Joffrey Ballet de Nova York. A iniciativa mostra que ainda há solidariedade entre os brasileiros.

**Nova York**

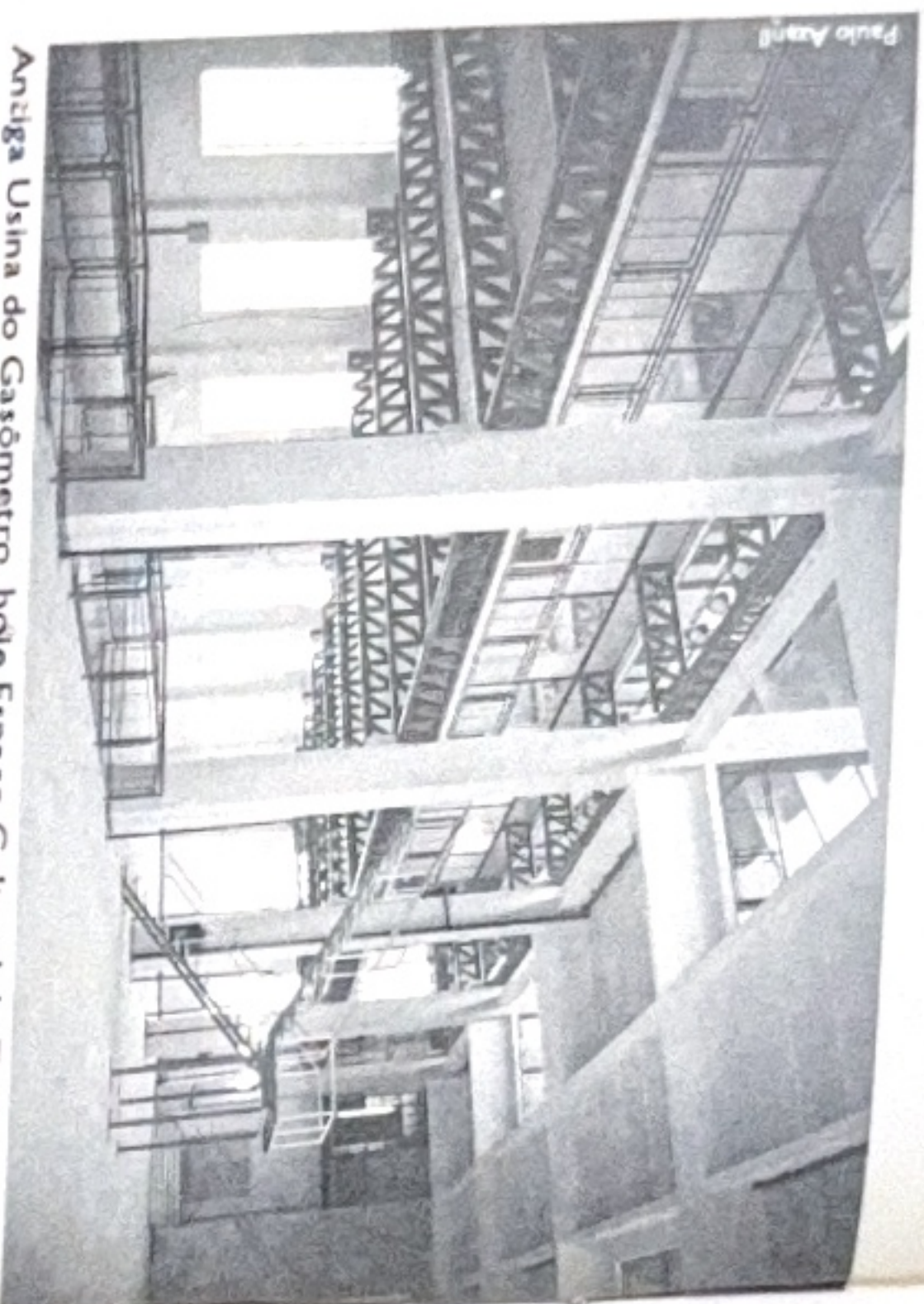
O bailarino pernambucano **Marcelo Pereira**, dois anos 1º bailarino do Ballet Stagium, mudou-se para Nova York a convite da coreógrafa americana Jennifer Muller que coreografou em 91 para a companhia paulista.

**Havana**

O Centro Pró-Dança, dirigido por Laura Alonso (filha de Alicia) é agora a sede da **Associação Internacional de Dança para as Américas (AIDA)**, entidade idealizada para integrar e desenvolver a metodologia cubana nos países americanos e se caracterizar como a "escola americana de balé". A coreógrafa Marly Zavar é a representante da AIDA em São Paulo.

**Taipei**

De 9 a 16 de julho deste ano, haverá o **Taipei Internacional Dance Conference**, com a participação de teóricos como a crítica de dança e editora do Dance Research Journal Judy Van Zyle, da Universidade do Havaí; e da professora de estudos performáticos da Universidade de Nova York, Mária Siegel. Além das conferências, haverá o Festival of Dance Academics. Os interessados em participar devem ligar para



Antiga Usina do Gasômetro, hoje Espaço Cultural do Trabalho

(886-2) 772-1831 ou fax (886-2) 778-0404. Cada palestra custa US\$ 60. O mesmo evento será realizado em agosto de 93 no Japão. Quem estiver interessado em participar como ouvinte ou palestrante deve entrar em contato com os organizadores pelo telefone 81-3-3423-7018 ou fax 81-3-3423-6984.

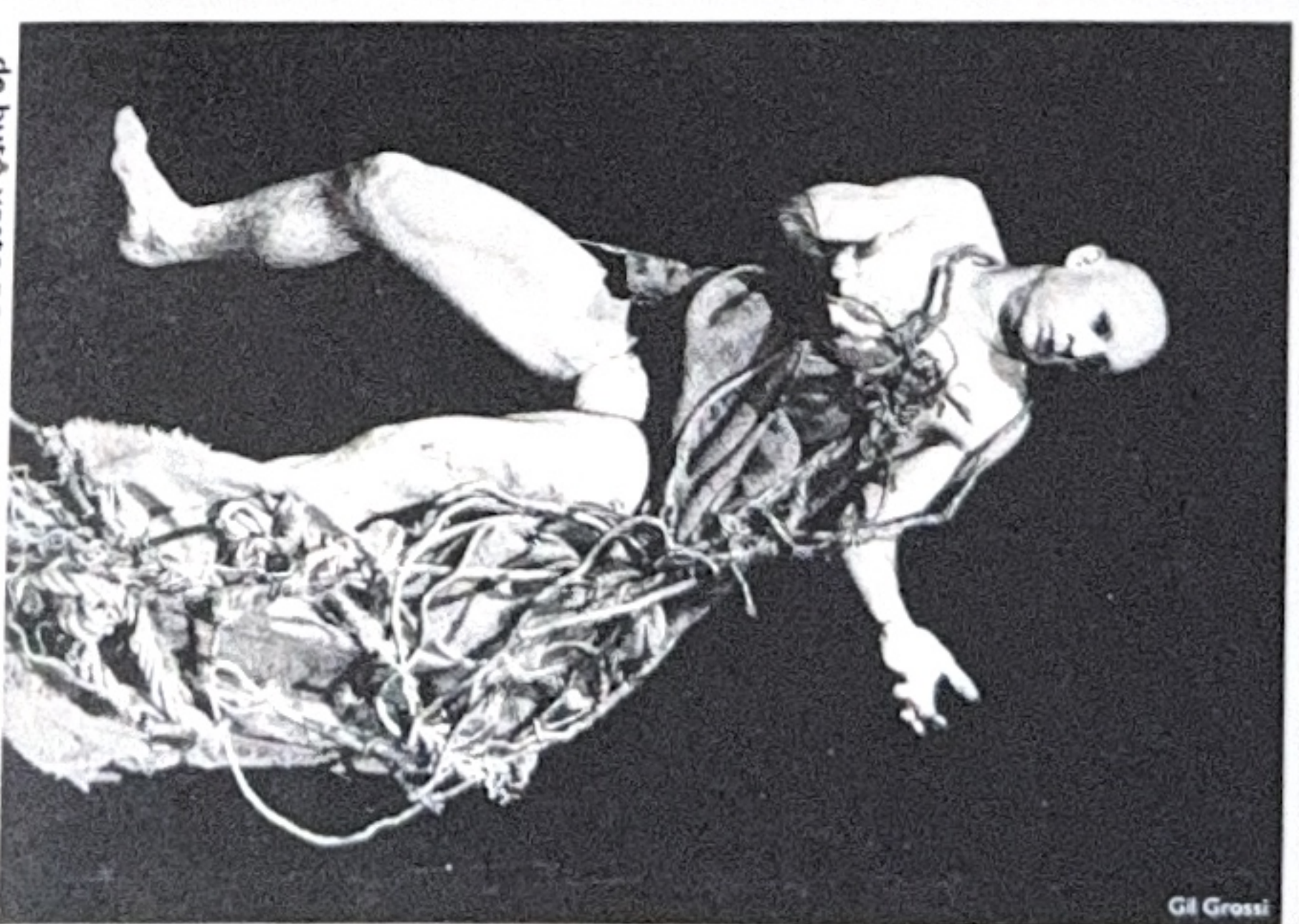
**Paris**

O **Concurso Internacional de Dança de Paris** nasceu em 1984, sob o patrocínio do Instituto Internacional do Teatro - UNESCO. Desde 86, há duas categorias de competição: dança clássica e dança contemporânea, com jurados diferentes. Até hoje, 117 dançarinos representando 29 países já participaram deste evento. O Concurso deste ano acontecerá de 1 a 12 de dezembro na Ópera Comique. As inscrições podem ser realizadas até 9 de novembro, pelo correio para: *V Concours International de Danse de Paris*, 34, rue de Laborde 75008 Paris Fax (1) 45226024, Tel (1) 45222874

**EVENTOS CONTEMPORÂNEOS**

**SERRA DOS ÓRGÃOS**

De 5 de março a 5 de abril o Centro Cultural São Paulo apresentou o evento "Coreógrafos-Dançarinos". Alguns dos mais importantes artistas/pesquisadores da vanguarda nacional, mostraram a dança no trânsito entre a memória que habita o imaginário de cada um e a prospecção futura, inaugurando em cena novas formas estéticas



...de butô veste no seu corpo, o traje universal.

Pincado de branco, o bailarino...



Sandra Navezi

**Serra dos Órgãos 4** é o burilamento de uma escolha artística. É a culminância de um projeto gestado em 89, sob a valorosa direção de Takao Kusuno, no qual Denlito Gomes mergulha organicamente. A inserção na fronteira entre dois mundos é pungente: com a cabeça raspada e o corpo tomado pelo branco lança um percurso em que contrapõe calma (do campo) e velocidade (do espaço urbano). Ao olhar para esses dois mundos ele toma-o para si, engendrando outros olhares: o nosso e também o dele.

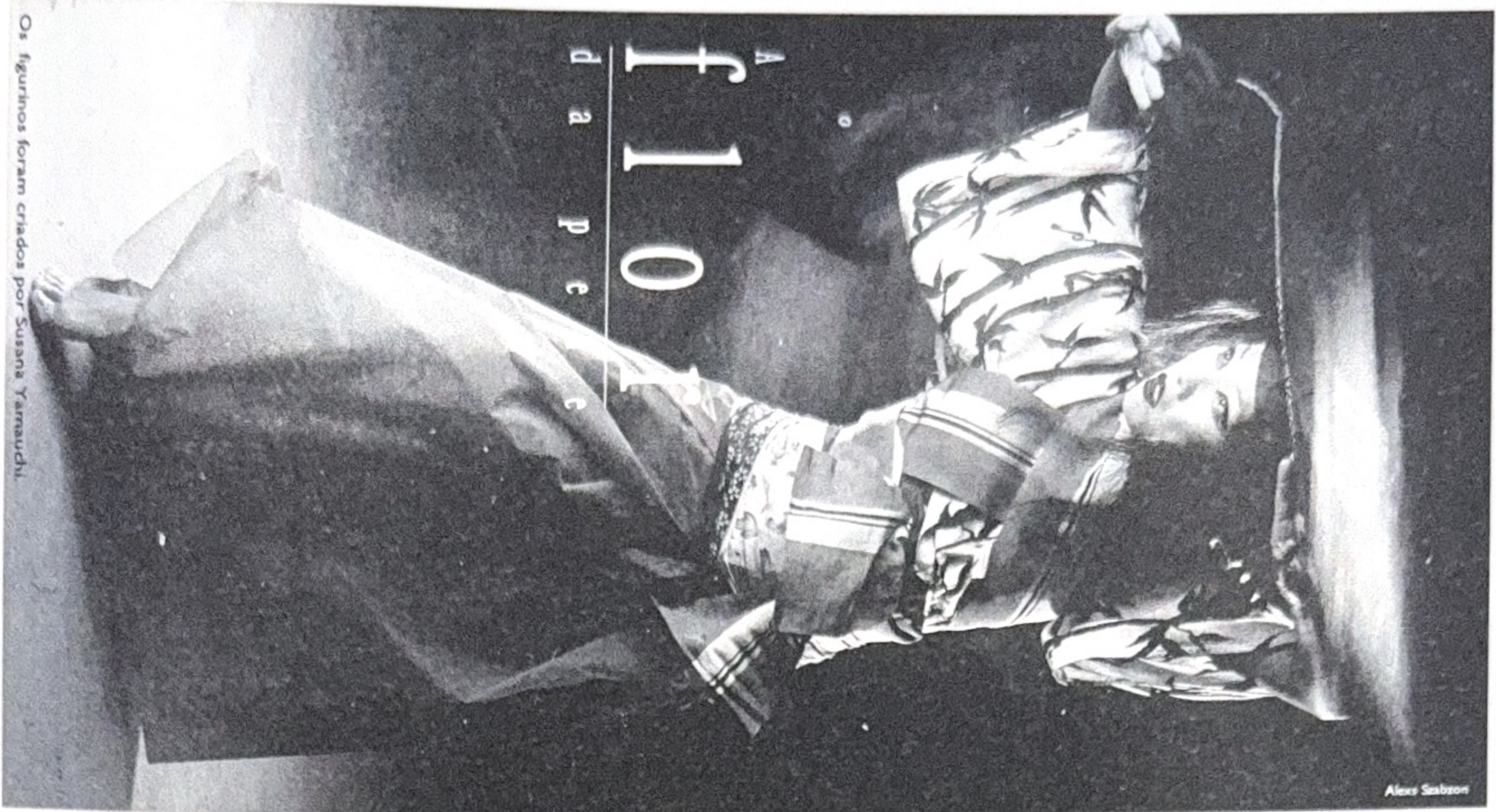
Denlito faz desembocar a sua síntese do butô, que muitos ainda teimam em reproduzir apenas sua face externa. **Serra dos Órgãos 4**, ao contrário, cria uma nova conexão entre ocidente e oriente naquilo que é mais caro ao conceito do butô, o desabrochar de universos interiores.

E aqui com recursos cênicos que exteriorizam os fantasmas, que despersonalizam o ego, para resultar num outro ser. O corpo se despoja e sincroniza com a naturalidade. O corpo como que

desfolha ritualizando num tempo outro, primitivo.

Quando se veste com uma longa saia de tule branco, os olhos esgazeados, movendo um enorme pneu (de caminhão), ao mesmo tempo destruindo balões de gás, Denlito planta o melhor exemplo dessa trajetória solitária sem nenhum tipo de concessão artística. A guarda agora, ao som de uma ária, depois de ruídos e cantos de pássaros, está desarmada. Construída, gradual, em terrenos opostos, ela exala o máximo de sua pureza. É o centro do espetáculo e de uma beleza a toda prova.

**Serra dos Órgãos 4** é todo ritual. Resgata elementos de sonhos, religando suavemente as lembranças de muitos personagens sem sexo ou idade. Assim Denlito vai reconstruindo seu presente, o de uma arte memorável. Sem a impostura da regra. Mas com a herança de um fluxo contínuo de paixão, estudo e de busca por uma dança em si mesmo.



Alex Sabron

**À Flor da Pele**, de Suzana Yamauchi, é um espetáculo insólito. Não no sentido habitual da palavra, mas naquele utilizado pelo grande ator e autor de teatro nô Zeami (1363-1443), ao estabelecer os princípios estéticos da arte dramática. O insólito seria a sensação de surpresa que sentimos a cada primavera, observando as árvores florescendo. Todos os anos aparece a mesma imagem. Mas a sensação é sempre vibrante.

Assim são as imagens criadas pela coreógrafa. Agradam aos olhos do espectador e surpreendem ao espírito - as sementes do insólito. Há referências à tradição japonesa, o uso do plano médio-baixo, um caminhar que, em certos momentos, lembra o *suriashi* (os passos arrastados pelo palco), a energia contida, o gesto essencial, sem movimentos inúteis. Há citações ao *butô* na relação entre nascimento (um dos elementos cênicos é um carrinho de bebê) e morte. Um grito sofrido e ensurdecido diante do ciclo da vida.

Como a própria coreógrafa reconhece no Programa, trata-se de uma experiência canibal. O traço *nikkei*. O corpo de Suzana é o corpo ocidental acostumado à codificação de gestos largos, energia lançada para o exterior, projetando os movimentos no espaço. No processo de lapidação cênica (e corporal) há uma intensa reflexão acerca da origem oriental. Delagra-se o processo que marca a dança contemporânea. Desaparecem, pouco a pouco, os limites entre a dança e o teatro, entre Oriente e Ocidente. As músicas, a iluminação, o bellissimo figurino e os adereços cênicos, colaboram neste processo que traz a marca da polissêmia, típica da Ópera da Pequim. Ou seja: os elementos no palco são mínimos e plurais, transformados conforme a necessidade e mantendo a dinâmica do espetáculo.

**À Flor da Pele**, pode ser lido como a flor, no sentido estético de Zeami (a flor do nô, a beleza exterior que encanta os olhos do espectador). E a pele sugere a beleza *yûgen*, que é a beleza para se sentir, visível apenas à sensibilidade espiritual. Neste trânsito entre o que se vê e o que se sente, a flor da pele pode ser compreendida como um processo de elaboração espiritual e estética. Perdas e recuperações infinitas das referências. Uma rede imbricada de relações que aponta para a universalidade.

CHRISTINE GREINER

## Slices of life

O MEIO TERMO DA MUDANÇA

Na construção de outras grafias para a linguagem, a dança muitas vezes lançou mão de procedimentos mais "teatrais". Na verdade, quando Noverre, no século 18, postulava uma dança diferente, propunha a aproximação desta com uma expressividade do teatro.

Num jogo de aproximação e distanciamento, de síntese e constelação, esse diálogo vem sendo levado no decorrer da história das linguagens e, nos anos 80, na construção de uma nova cena, o teatro vai preclar de corpos mais treinados, mais afinados para uma nova visualidade. Para tanto, os atores vão ser treinados por procedimentos mais próximos do "fazer dança". Assim foi em **O Cobrador**, de Beth Coelho, que dirigiu Renata Melo em **Slices of Life**.

Na peça **O Cobrador**, baseada na obra de Rubem Fonseca, a proposta era usar a estrutura das histórias em quadrinhos para o palco. Com êxito, a diretora conseguiu que os personagens de Fonseca, atuando num *gibi* hipotético, passassem para a cena em carne e osso. Esses personagens bidimensionais transformaram-se em concretude de corpos, exatos, enxutos, desenhados de contornos precisos. Aquelles atores tinham o corpo treinado para aquela proposta.

Já em **Slices of Life** falta exatamente essa concretude, que deixa aberto o espaço. Paradossalmente se trata de um trabalho de dança, uma linguagem "mais corporal", porque com outro tipo de fala, muitas vezes centrada na expressão do movimento em si.

Apesar disso, as ideias de **Slices** são interessantes, mas aparecem como estruturas vazadas, e à exceção de algumas cenas não sustentam o espetáculo como um todo.



Ana Maria Mondini em meio ao "lixo" de Stress Sob as Estrelas.

O tempo trabalhado por Renata Melo não é o tempo do "vídeo clip" ou das "gags" do anão Marzipan, grupo do qual foi uma das fundadoras. Sua proposta é outra e, à parte do esforço da coreógrafa-interpretre e da diretora em estruturá-la em uma escritura diferente, o que se tem ainda é o meio termo da mudança, um flerte com o anterior e com o que poderia ser.

CASSIA NAVAS

## MÍNIMO E O EXCESSO

**Sapatas Fenólicas e Stress sob as Estrelas** tem preocupações bem distintas, disparez mesmo. Uma quer pôr o passado como objeto palpável. Esta é a tentativa de Célia Gouvêa. A outra quer confrontar o presente, resgatar um passado curativo, projetando a crítica na quase imobilidade do corpo e dos gestos estranhos. Este é o projeto de Ana Maria Mondini e Umberto da Silva, concepções opostas que agora se cruzam na dinâmica de um trabalho aberto, um "work in progress."

Enquanto Célia Gouvêa, depois de refazer a primeira versão que tinha o nome de **D.Mariana**, faz pelo excesso, a dupla de **Stress sob as Estrelas** opta pelo mínimo ou mesmo pela contenção do gesto e do movimento. Em **Sapatas Fenólicas** a carga corporal perde função, apesar da habilidade cenográfica de Maurice Vaneau. Perde também muito de sua força, ainda que as duas meninas, Vânia Vaneau e Maria Laura Nogueira, apresentem um passado com doce ingenuidade. Célia se exercita além de sua potencialidade física. Neste aspecto, a primeira versão era mais enxuta e se resolvia de forma mais completa.

**Stress sob as Estrelas** expõe com mais sucesso as fissuras do cotidiano: de um lado, Mondini amplia corporalmente a ação do tempo em espasmos maiores; de outro, Umberto se retém, às vezes demais, no gesto hiperbólico. Esse duplo convive em meio a uma montanha de sacos de lixo, estrategicamente colocada num dos cantos do palco. Mas o estressamento, o cansaço, está expresso em ambos. É a tradução particular também de um esgotamento de códigos artísticos que os dois artistas experimentam, para se lançar em novos caminhos. Por isso, **Stress sob as Estrelas** tem todos os ingredientes para crescer e se realizar como narrativa.

MARCOS BRAGATO

# ADINÇA MIL DAS PERNÍAS



O que está acontecendo com a dança no Rio? Vai indo muito mal de pernas e braços. Ao contrário de anos anteriores, a crise tomou conta de tudo. Vésperas de junho e o Municipal só acena com uma remontagem de Floresta Amazônica, nos ecos da Rio 92. Algumas mudanças na estrutura do Corpo de Baile - como a entrada de Nora Esteves, no lugar de Dennis Gray e um concurso para preenchimento de vagas masculinas, ainda ocultam seus resultados. Depois do Floresta Amazônica em clima de festa ecológica, fica por enquanto apenas a promessa de uma repetitiva volta do Quebra Nozes no final da temporada (que pelo que se pode ver não vai decolar) e algumas viagens do Corpo de Baile ao Festival de Joinville e a Cuba (se as passagens forem conseguidas, pelos menos os bailarinos vão poder se exercitar um pouco).

Fora do circuito oficial, apenas uma estréia que mereça ser notada - a mais nova criação coreográfica de Fábio de Melo - Quintana. Uma incursão ao mundo poético onde momentos de intensa criatividade perdem seu caráter de fio condutor com uma não bem resolvida inclusão de textos declamados do poeta gaúcho. Apenas um mero detalhe que, felizmente, não prejudica o belo impacto visual dos figurinos de Rosa Magalhães, a técnica dos bailarinos e o extremo bom gosto da visão coreográfica de Fábio de Melo. No

desolador panorama da dança carioca, a qualidade do trabalho deste jovem coreógrafo representa uma esperança para dias melhores na dança do país.

Fora a temporada de Quintana, nada chama a atenção nesta primeira metade do ano. O Teatro Zimbrinski - na zona norte da cidade - abriu suas portas para a dança, mas a distância dos espaços tradicionais da zona sul se, por um lado, afasta uma parcela do público, por outro, pode criar outra platéia que vai acabar frequentando outros espaços. Vem aí a 9ª Mostra de Novos Coreógrafos que, apesar dos altos e baixos, cumpre um papel importante de incentivo à criatividade contemporânea. O Museu de Arte Moderna vem tentando manter vivo o interesse em torno da linguagem contemporânea (em recitais, exposições e mostras de vídeos) através de sua Coordenadoria de Dança. E a televisão carioca abre, pela primeira vez, um espaço exclusivo para a dança através de um quadro do mais recente programa da TVE, canal 2. A série de reportagens que Regina Miranda vem fazendo para o Curto Circuito (no ar, em rede nacional pelas TVs educativas) trazem a novidade da abordagem. A coreógrafa e bailarina se transforma em repórter e apresenta uma pauta de temas do mundo da dança que nunca tinham chegado à televisão brasileira.

## GUAIRA COM PROGRAMAÇÃO RALA

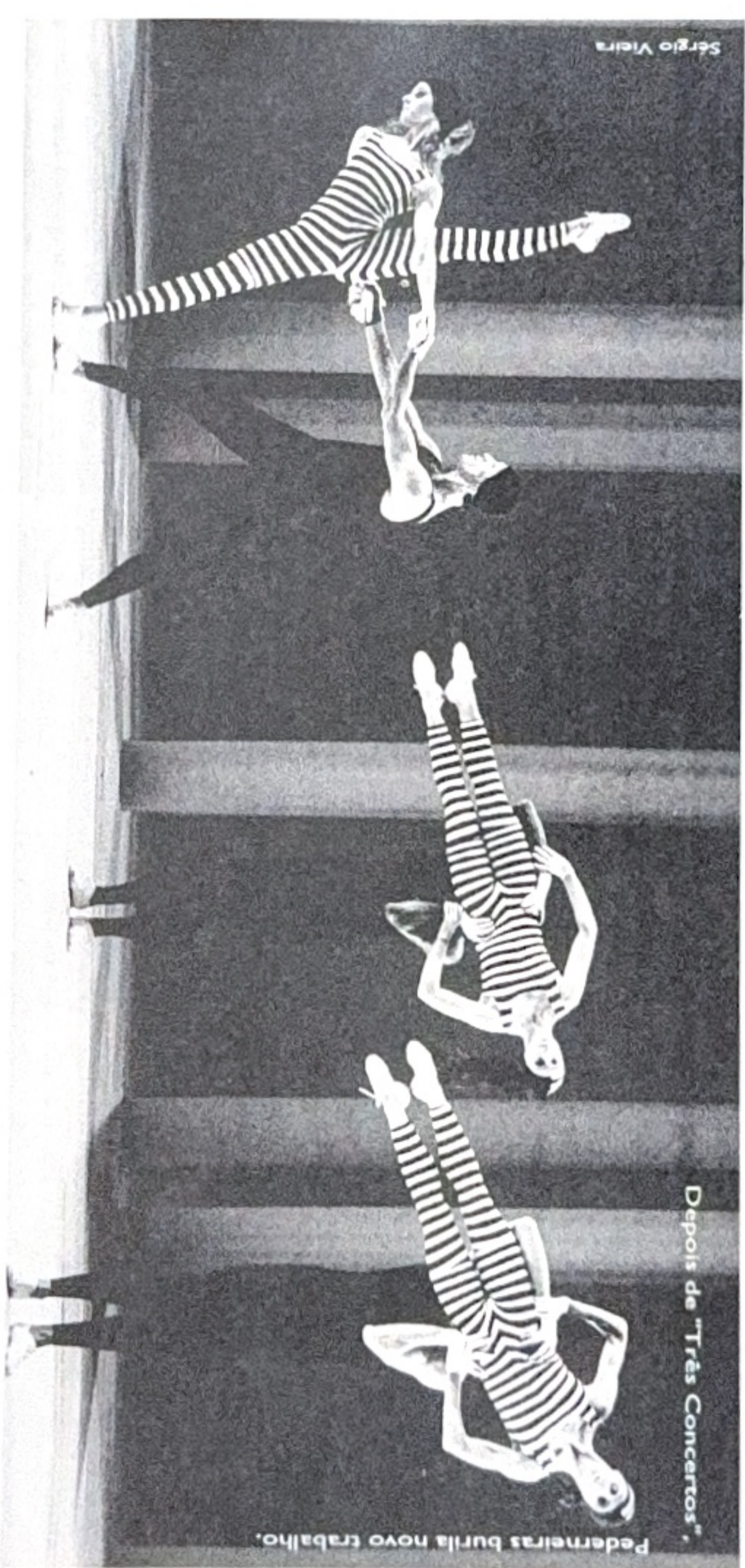
A temporada oficial, por enquanto raquítica, de 92 do Ballet Teatro Guaira foi aberta com a montagem de **Dom Quixote**, levantada por Carlos Trincheras, Eleonora Greca e Jurandi Silva, do Guaira, revessaram-se com os bailarinos convidados do Teatro Municipal do Rio, Cecilia Kerche e Marcelo Misallidis, nos papéis principais. Música ao vivo pela Orquestra Sinfônica do Paraná. Não fosse o aproveitamento dos próprios integrantes da companhia, nas chamadas Manhãs de Jovens Coreógrafos, a sacura seria ainda maior. Jovens Coreógrafos é um título até irônico porque profissionais como Eduardo Laranjeira estão compondo há um certo tempo. Que tal uma oportunidade junto à programação "oficial"?

Neste ano, pelo menos a companhia viaja mais: em junho se apresenta em Pelotas, São Paulo e São José dos Campos; em julho, Porto Alegre, Joinville e Brasília; em agosto, retorna a São Paulo e depois, em setembro, estréia finalmente um novo trabalho pelas mãos de Sparemblek, baseado nos Sete Pecados Capitais de Bertolt Brecht e Kurt Weill.

A dança em Minas continua bastante ativa e polarizada, com uma quantidade significativa de grupos em atuação. O 1º Ato, o Oz e o Camaleão, são exemplos de sobrevivência, que se enquadram no bloco dos independentes ou dos pequenos conforme sua estrutura de manutenção. Mas a ponta-de-lança no estado ainda está nas mãos da estabilidade da Cia. de Dança do Palácio das Artes e das investidas criativas do Grupo Corpo, sob a égide do talento do coreógrafo Rodrigo Pedernietras.

# GRUPO CORPO MILNÁS DAS EXEMPLO

Pedernietras prepara uma nova produção, com o título de 21, a partir de uma composição especial do grupo mineiro Uakti. Agora nada de obra monumental. Pedernietras diz que o novo trabalho utiliza um pouco da linguagem cinematográfica: "São cenas curtas e isoladas uma da outra. São quase como gavetas, as ideias cênicas e musicais se diferenciam. O balé tem partes independentes", diz o coreógrafo. 21, onde os temas musicais são



baseados nessa contagem numérica, e o contrário do que Pedernietras tem empreendido junto ao seu grupo: seus trabalhos anteriores sempre carregavam uma sequência interior.

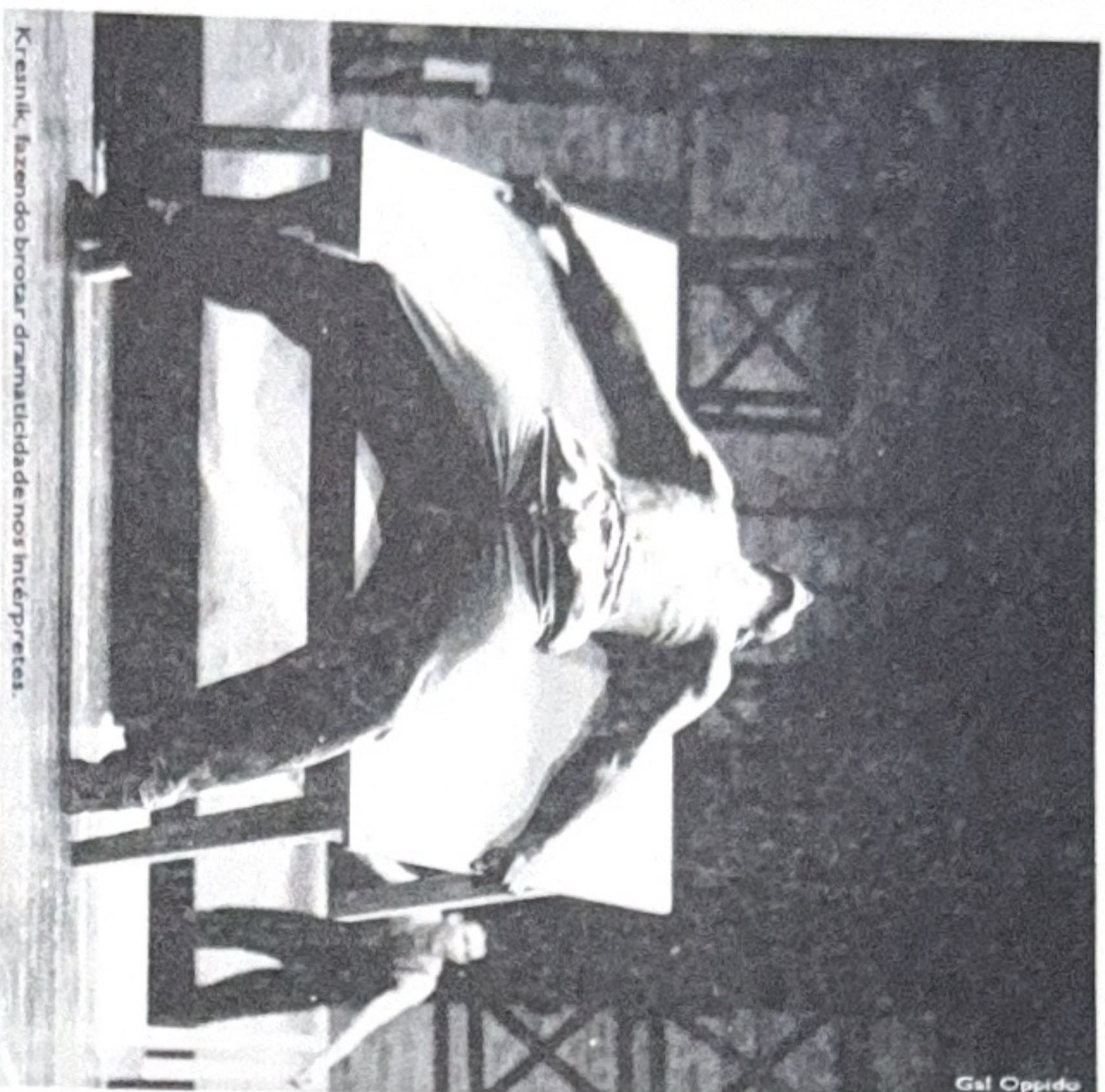
A música está sendo preparada com instrumentos nada usuais. O Uakti, comandado por Marco Antonio Guimarães, desenvolve a composição com flautas e uma mescla de sons tirados de cabças, pvc e fibras. "Tudo agora está sendo diferente. Conversamos muito. Passamos o tempo inteiro trocando ideias. A música é dele, mas estou podendo tocar informações", diz Pedernietras. O Corpo deve dançar 21 com seus 16 bailarinos. Depois de estreiar em Belo Horizonte, segue em turnê pelas principais capitais brasileiras.

Para a Cia. de Dança do Palácio das Artes, o balé Glória de Tindaro Silvano tem sido a atração do primeiro semestre. Estreado em abril, com música de Francis Poulenc, o trabalho fez parte do

projeto Liberdade e Cidadania - Tiradentes Vivo - da Secretaria de Estado da Cultura de Minas.

Tindaro se inspirou em esculturas barrocas mineiras e, de acordo com o texto litúrgico, Glória retrata em suas formas e movimentos a exaltação religiosa. A companhia, gerenciada por Patricia Avellar Zol, já percorreu 10 cidades do interior.

Ao lado de Glória, tem mostrado também um outro balé de Tindaro Silvano, **Exultate Jubilate**, e **Aquelarre** do argentino Oscar Araiz. O primeiro com música de Mozart e o segundo de Paul Hindemith. A companhia, parece assim, entrou finalmente num circuito bem intenso. Os prêmios que recebeu do Caeté/Sated-Minas em 91 podem confirmar isso: melhor encenação coreográfica, melhor bailarina (Karla Couto) e melhor iluminação (Jorge Luiz).



Gal Oppido

Kresnik, fazendo brotar dramaticidade nos intérpretes.

(Zero)<sup>2</sup> rompe com uma espécie de auto-angústia de cunho conservador que tem sido a linha de frente da atual gestão. O projeto de resgate e levantamento do repertório cai por terra, por ter sido uma repetição insonsa de propostas. Exceção de dois balés de Rodrigo Pedernheiras: o bellissimo **Variações Sobre um Tema de Haydn** e **Mozart Concerto**. A obra de Kresnik é uma pedrada nesse bom mocismo. O coreógrafo, com a colaboração de Henry Thorau, toma o romance **Zero** de Loyola e arma uma devassa nas mazelas da realidade brasileira: desvires sociais, preconceito, crança abandonada e um começo disso, a ditadura. Tudo sob a ótica de um humor negro e mordaz. Kresnik é um artista inconformado com o presente, o aqui e agora da miséria e da violência, e não mede palavras para apontar o lado ruim. Ele não perdona: (Zero)<sup>2</sup> é cru, violento. Mostra sem floreios um alto grau de decadência social e cultural. Como se o palco fosse o prolongamento da vida ou vice-versa. Ele faz

## (Zero)<sup>2</sup>

### UMA EXPERIÊNCIA FUNDAMENTAL

O Balé da Cidade de São Paulo como que ressuscita, pelas mãos do coreógrafo austríaco Johann Kresnik e seu teatro coreográfico.

(Zero)<sup>2</sup>, baseado no romance **Zero** de Inácio de Loyola Brandão, deflagra uma nova ordem na companhia e devasta o bom mocismo empreendido nos últimos três anos.

também, no melhor sentido, sociologia e arte, associação rara nas hostes da dança. Em (Zero)<sup>2</sup> o belo se realiza no feio, na barbárie, que os personagens **José** e **Rosa** conhecem de sobra. São como caminhanças gradadas numa cidade cáptica que sofre as agruras da miséria econômica, física e emocional.

O elenco sabe captar essa trajetória. Transmite com uma energia rara. Dançam, cantam e interpretam e provam que o poderio artístico é uma questão de adequada exploração e de competência de quem cria. Kresnik tem isso de sobra. Ele desnuda cada um deles, metáforica e realisticamente. Todos entram com sua cota. São indivíduos. Aqui talvez a maior contribuição desse interdímio, que contou com a ajuda do Instituto Goethe,

é fazer brotar o potencial (até então sufocado) de cada um dos intérpretes. Alguns deles merecem destaque: os **Josés** de Raymundo Costa, Kiko Moreira e Maurício Ribeiro e a **Rosa** da excepcional atriz Rosi Campos. No mundo de (Zero)<sup>2</sup> tem mais: as

mentiras da comunicação são apontadas por Kresnik de forma estranha. O coreógrafo entra nos programas de auditório para, ao mesmo tempo, desmascará-los. Com a colaboração dos excelentes Irineu Marcovechio e Maurício Oliveira, e da música de Paulo Sérgio Álvares: O músico mineiro se vale de recursos eletrônicos e do piano, compondo um som, às vezes angustiado e outras, demolidor das músicas "bregas" que surgem em primeiro plano, como a famosa **Pense em Mim**. O cenário de J. C. Serroni faz juz ao majestoso (Zero)<sup>2</sup>.

Não há meio tom: ou se adere ou se repudia (Zero)<sup>2</sup>. Neste caso, o choque ainda é maior por ter partido de um cidadão estrangeiro que resolve escarafunchar em nosso real. O preconceito, o resguardo nacionalista, podem ter efeito contrário; a exclusividade de se olhar a realidade nacional somente por nós brasileiros é tese da direita.

MARCOS BACATO

## O Artista Ontem ou Hoje

**Mozartíssimo** toca na condição do artista, desfilando uma espécie de injeção emocional bem dosada de pessimismo e melancolia. Gigi Cacluleanu arma metalinguagem: o teatro dentro do teatro, partindo da afilidade de Mozart com o teatro popular, as troupas de salubancos. Em dois atos, o coreógrafo franco-romeno faz saltar uma dança narrativa que a todo instante quer extrapolar seu próprio significado. Ser algo mais que o narrado. É como num sonho onde as histórias se confundem. Aqui, Gigi Cacluleanu transpassa a sua trajetória com pedaços da de Mozart, cruzando-as nos corpos vigorosos dos doze bailarinos do Círculo Negro em mais um desafio suplantado pelo grupo paulista.

No primeiro ato, eles são uma companhia ambulante nos termos da **Commedia dell'Arte** percorrendo a trilha de sua sobrevivência artística. A movimentação nesse sentido é exemplar ao empreender a ideia de Jornada, de caminho, de trajetória. Os 11 cubos que se dispersam e se empilham uns sobre os outros, são a concreção desse projeto artístico: as várias fases de uma vida dedicada à arte que se projeta no tempo. Para Gigi, o artista está sempre artista: ontem ou hoje. Ele introduz com delicadeza e humor as personagens mascaradas, as únicas que permaneceram com vigor no imaginário popular: arlequim, bringhella, pedrolino-pierrot, pulcinella-polichinelo e pantalone.

O segundo ato é invadido por um bando de engraçados velhinhos, agora longe das inquietações e das inconveniências da condição do artista. Ao contrário do primeiro, onde prevalece um lado sombrio, sério, de luta pela sobrevivência, o tom é de mais leveza e agilidade. Há um colorido nos trajés e a alegria toma conta do palco. A lição é de que o artista sobrevive apesar de todo tipo de contingência.

## Mondini Lança Novas Ideias

A aposta nas investigações da coreógrafa Ana Maria Mondini também rendeu ao Círculo Negro outro excelente resultado. **Hi-Fi-Boleros** lança novos mecanismos coreográficos, falando de



Sérgio Vieira

Mozartíssimo...

## O CISNE EM VÔO

# ALTO

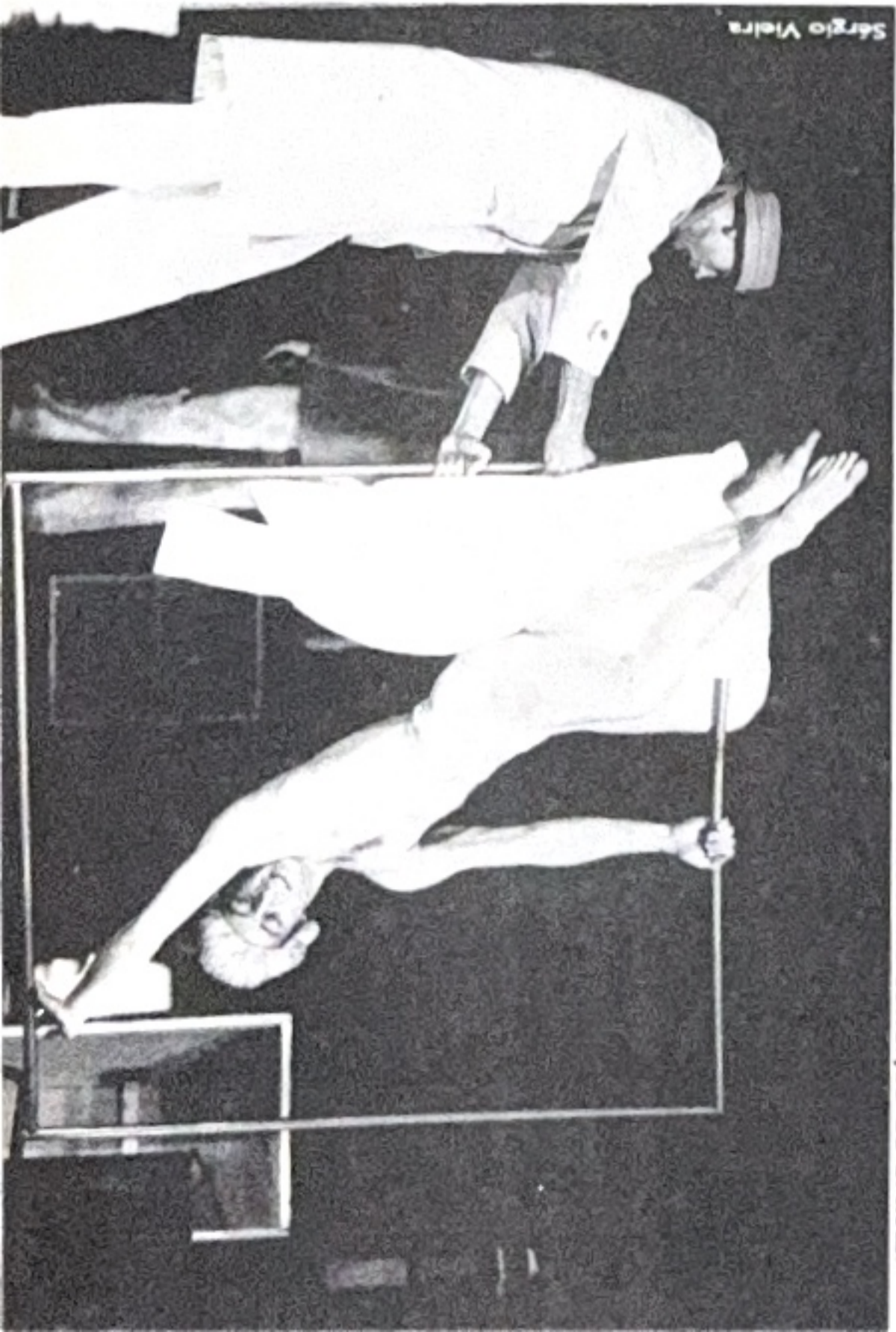
coisas simples, de emoções básicas, e se impõe como uma das iniciativas mais avançadas na atual cena nacional. Com uma proposta mais apurada, que se iniciou com **Valsa**, Mondini investe de maneira dignificante e criativa sobre melodias de boleros.

O esquema artístico de Mondini é o de tomar emprestado ritmos aparentemente esquecidos e criar uma movimentação confrontante: solta, sem se deixar levar por um peso sentimentalismo embutido das músicas e daquela ideia disseminada de que o amor só deva render letras banais. Mondini, nesse sentido, é inteligente: Traça um delicioso embate entre corpo (os movimentos secos e cortantes em **Valsa** e

desiquilibradamente dançantes em **Hi-Fi-Boleros**) e som, aqui distorcido propositalmente pela rotação diferente. Ela brinca com o universo dos salões de baile mas não achincalha. Ao contrário, com humor prazeroso, betrando de vez em quando a ironia, Mondini reconquista a atmosfera de um passado, num gesto de valoração positiva do tido como "brega". **Hi-Fi-Boleros** é isso: o resgate de tipos sob o efeito direto dos sentimentos por aspectos coreográficos bem atuais. Ela retoma o estereótipo e o enfeixa numa galxia própria de personagens, como o galante, o extrovertido e a eterna apaixonada. Mondini é a nossa nova "darling".

MARCOS BACATO

...toca na condição do artista



Sérgio Vieira

# SHAMALIM

O novo trabalho do Ballet Stagium revela marcas de renovação. Ao assisti-lo uma sensação de estranheza frente ao que se apresenta: sem contar a história de Colombo, o Stagium conta a história do navegador. A inquietação é nossa, em tentar acompanhar nos quadros, danças, citações e músicas a saga do navegador-símbolo do descobrimento do novo mundo.

Uma coreografia nem sempre conta uma história e a dança conta histórias diferentemente das narrativas teatrais ou literárias. Por que estranhar a nova narrativa do Stagium? Pela própria trajetória do grupo, que teve como preocupação básica dizer coisas através de seu trabalho, conversando com as plateias assuntos ligados às vivências dessas plateias, na busca de uma comunicação mais literal.

Alta dose de simbologia que se constrói em "Shamalm" aponta para uma outra literalidade, estruturada de pesquisa e novas parcerias sonoras e visuais. Entretanto, o inusitado de algumas construções se mescla à imagem de outros trabalhos, como a cena das lavadeiras e velas de navios.

São como rastros de uma identidade já marcada, que afloram num momento de novidades e, nesses trechos, o tempo do espetáculo se ralenta.

Uma síntese de grande sofisticação é conseguida pelo figurinista Patrício Bisso nas roupas de Márka Gidali. Ela se veste de veludo vermelho e negro, numa moldagem das grandes damas da dança moderna: saia ampla e mole, blusa apertada, de mangas compridas. Na primeira vez que a bailarina aparece, caminhando do fundo para a frente do palco, a sensação é forte. Algumas dinâmicas de movimento desse personagem apontam para um trabalho diferente com o peso, em novas possibilidades coreográficas para a artista. Mas isso é só por alguns momentos, que aparecem como esboços.

A qualidade do elenco se reforça no quadro final, através das mulheres espanholas e da "tap dance" executada ao som do canto andaluz. Com essa cena o Stagium encerra um bom espetáculo, assumindo que, na aventura da criação, navegar é preciso.

CASSIA NAVAS



Renovação na coreografia de Decio Otero.

## A primeira super-produção do Stagium

O espetáculo Shamalm (entre o céu e a terra) é a maior produção já realizada pelo Stagium. Tem 1h20 de duração e 22 cenas. O tema é o descobrimento da América, embora não haja o compromisso com os fatos históricos. Durante 5 meses, Márka Gidali, Decio Otero e outros quatro integrantes do grupo dedicaram-se à pesquisa para ressaltar, no resultado final, a capacidade de conquista do ser humano. O orçamento desta super-produção chegou à marca dos US\$ 150 mil (aproximadamente Cr\$ 324 milhões).

Do cenário fazem parte: uma santa de 7 metros de altura, uma enorme esfera de ferro que abre o espetáculo (podendo representar o mundo ou mesmo os objetos usados por Colombo), peixes, dragões marinhos sob a forma de monstros de espuma (4 metros de comprimento), um elefante gigante (no quadro da Índia) e 3 barcos.

O figurino criado por Patrício Bisso e confeccionado por 12 costureiros, é composto por cerca de 300 peças, exigindo 16 ou 17 trocas de roupas dos 23 bailarinos. Durante o espetáculo, há um desfile variado: roupas medievais, do século 18, dos anos 40 e 50



Divulgação

Este ano tem Carlton Dance! O Festival, que já passava a fazer parte obrigatória da agenda dos brasileiros, por motivos nada artísticos, foi cancelado em 1991. Felizmente, a despeito da crise, este ano poderemos assistir uma nova (e importante) seleção de grupos, expoentes da dança nacional e internacional. Para comemorar a sobrevivência deste grande evento, preparamos um histórico compacto dos Festivais anteriores, relacionando as diversas tendências dos convidados mais importantes.

## CARLTON DANCE FESTIVAL

Garth Fagan Dance

# UM FESTIVAL QUE JÁ TEM HISTÓRIA!



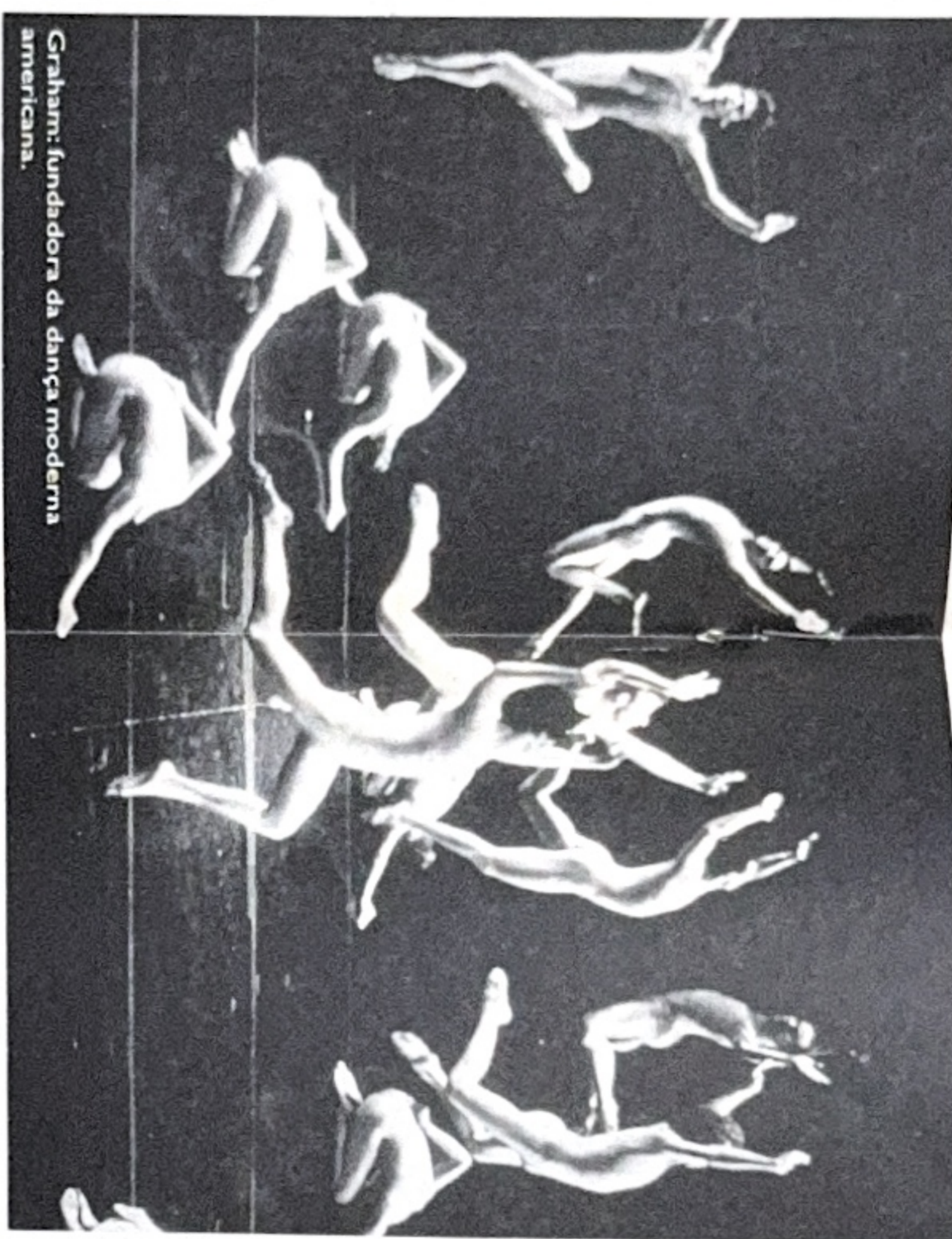
Pina Bausch: mentora da dança-teatro alemã.

espectador, e no processo aleatório que conduz os gestos isolados. Não há referências externas. Música, cenário, iluminação e dança agem com independência, apresentando imagens, sem representar coisa alguma.

Ao seu lado, no mesmo festival, conhecemos **Karole Armitage** - um dos frutos da companhia de Cunningham, com quem dançou durante 4 anos (75 a 79). Conhecida com bailarina punk, Armitage alçou a sua rígida formação clássica (estudou obras neoclássicas de Balanchine no Balé de Genebra) com a experiência de Cunningham, para lançar-se em novas investidas. Inscriu nas suas coreografias, textos, músicas diversas (rock, clássicos, música japonesa) e todo o tipo de elementos cênicos que complementassem as suas idéias, questionando o tempo todo a sua própria criação.

Para desvendar o jogo de relações que rege a lógica interna do Festival, buscamos no III Carlton Dance, **Martha Graham** - a principal criadora da escola de dança moderna americana. Apenas para ser uma ideia, Graham idealizou um vocabulário gestual bem elaborado, que até hoje é usado como formação básica de muitos bailarinos em todo o mundo. Além disso, trouxe aos palcos, sofrimentos e questionamentos psicológicos que envolviam a humanidade e a sociedade americana da época.

No II Carlton Dance, recebemos um de seus mais brilhantes alunos: **Merce Cunningham**. A partir, e a despeito de Graham, Cunningham desenvolveu uma nova concepção de criação coreográfica. A sua matéria-prima passou a ser o movimento em si. Não há temas, mensagens, personagens ou qualquer espécie de ação dramática. A pesquisa está na sinalização de um tempo/espaco, sem foco principal para dirigir o olhar do



Graham: fundadora da dança moderna americana.

Começamos a "tecer a rede" do festival. Armitage remete-nos a **Michael Clark**, o "enfant terrible da Inglaterra".

No I Carlton, Clark mostrou todo o seu sarcasmo com adereços e figurinos eróticos. A sua técnica, absolutamente clássica (ocorrem pequenas diluições), mostrou que o gosto inglês é tradicional, assim como o bom humor.

E por falar em humor, este tem sido um dos grandes ganchos do Festival. Alista de coreógrafos "pladistas" é longa. Começa com o **Momix** (sucesso no I Carlton), segue com dois alunos de **Paul Taylor** (sozinho de Cunningham, outro herdeiro de Graham) - **David Parsons** e **Daniel Ezralow** (Iso Dance Theatre) - e, no IV Carlton, **Bill T. Jones**.

Além do bom humor, estes atletas/bailarinos têm em comum a preparação física, que mostra como a dança é capaz de devorar técnicas de ginástica e esportes em geral, sem descaracterizar-se. No entanto, especialmente o teatro. Assim, cada

o melhor exemplo desta relação dança/ginástica foi o de **Mo'Nissa Fenley**.

No I Carlton, Fenley mostrou a mistura resultante da sua experiência com a dança afro (morou anos na Nigéria), os movimentos de flanco e a preparação aeróbica, trabalhando os movimentos em todo o seu dinamismo (com ênfase especial à parte superior do corpo). Não há pladas no universo elaborado por Fenley. Vê-se no palco o corpo bem preparado, gestos minimalistas, concettos internalizados de tempo e espaço, assim como a reclusão de movimentos urbanos. As soluções para a sua coreografia estão no próprio corpo e não fora dele.

Esta pesquisa de Fenley reacende uma dúvida que nasceu com a modernidade: como compreender a dança no corpo e com o corpo? Para alguns coreógrafos, a solução aparece no gesto em si; para outros, o caminho foi relacionar a dança a outras linguagens, especialmente o teatro. Assim, cada

Win Wanderkeybus, uma importante revelação, trabalhou a linguagem teatral usando situações psicológicas com movimentos concisos e cotidianos, a fim de mostrar em cena, o jogo constante de ataque e defesa que permeia as relações de violência e amor. Outros coreógrafos trouxeram as suas experiências com dança-teatro, como **Micha Van Hoecke** (**L'Ensemble**), **Laura Martorana** (**Terza Stanza**) e **David Gordon** (respectivamente no III, I e IV Carlton Dance). Mas foi, sem dúvida, a presença da alemã **Pina Bausch** e do japonês **Ushio Amagatsu** que nos trouxeram o melhor deste gênero.

Após as Duas Grandes Guerras, e tantas outras que se sucederam, o conflito tornou-se aparente. Entre as pessoas, dentro de cada uma delas. A dança, usando como instrumento o corpo humano, recupera a marca de todo este sofrimento. Pina Bausch recebeu na

coreógrafo cria o seu sistema signico em cena. Pode ser tão fascinante assistir um espetáculo de Cunningham, quanto o rigor clássico de **Jiri Kylian** (**O Nederlands Dance Theatre Jr. participou do II Carlton**), ou o chamado "expressionismo à americana" (classificação um pouco arriscada de certos críticos) de **Nikolais** no IV Carlton, e o seu jogo de luzes e cenários onde fica difícil identificar o corpo dos bailarinos.

Esta tendência para relacionar a dança a outras linguagens, teve muitos representantes no Festival. No I Carlton, Carolyn Carlson uniu a sua formação clássica, os sete anos de estudo com Nikolais e a experiência com a alemã Mary Wigman, para mostrar um espetáculo cuja marca foi a busca do gesto mínimo (às vezes repetitivo): a relação e a imediata recuperação do movimento em harmonia com outros elementos cênicos (figurino, cenário e assim por diante). No III Carlton, o belga



Amagatsu: terceira geração da dança butô.

"Folkwang" um verdadeiro arsenal de idéias/emocões, construído por personalidades como Mary Wigman, Dore Hoyer e Kurt Joos. Nas suas mãos, a dança foi transcrita em teatro e vice-versa, rompendo o autoritarismo da linguagem verbal em cena. Em sua apresentação no IV Carlton, foi possível verificar a ausência de referências a qualquer estilo ou técnica específica. A "magia americana", sob o ponto de vista estético alemão, não está na relação entre as diversas linguagens, mas na tradução de umas nas outras.

Com fruto do pós-guerra, a dança butô, ao lado da "tanztheater", mostra uma das expressões mais fortes da atualidade. O **Sankai Juku** (III Carlton), terceira geração do butô (os pioneiros foram Kazuo Ono e Tatsumi Hijikata); já não guarda a crueldade dilacerante instaurada pelas performances originais do **ankoku butoh** (dança das trevas, como foi chamado inicialmente este

estilo). Amagatsu (diretor e coreógrafo do grupo) manipula o expressionismo alemão (senciente importante do butô), a tradição japonesa e a vivência em Tokyo (uma das maiores metrópoles do mundo). O palco transforma-se no espelho interior do espectador. Os sonhos de Amagatsu (**Kinkan Shōnen**) poderiam ser os de qualquer um. Torna-se absolutamente inútil classificar a dança americana, a dança alemã (ou europeia) e a dança oriental em blocos separados. As diferenças existem. Nelas estão dinamismo da linguagem e a possibilidade de se "vestir um traje universal" (como diria Kazuo Ono). O mais importante e integrar o jogo de influências. Conhecer mais sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Este tem sido o papel do Carlton Dance: abrir uma fenda na desgastante rotina cotidiana para buscar novos caminhos de expressão. Na tradução japonesa: caminhos (dô) de vida.

## OS BRASILEIROS COLHEM RESULTADOS DISCREPANTES

Corre-se riscos ao avaliar projetos em andamento, como o de ampliar importâncias em excesso ou diminuir qualidades não esperadas que o tempo ainda não filtrou com esmero. Mas num ponto a unanimidade vence: a seção nacional do **Carlton Dance** trouxe um novo ânimo à dança brasileira, colocando os artistas nacionais em evidência para o grande público. É a reafirmação do diagnóstico de que os dançarinos nacionais precisam também estar sob o teto da mídia. É a sanção que muitos precisam para abrir espaço e mostrar que são diferentes de tudo, do que a própria mídia alimenta como ideal de dança.

Nesse sentido, alguns torpedos foram lançados nesses anos dos quatro Carltons. A figura solitária do artista **Antonio Nóbrega** é o melhor exemplo de uma batalha vencedora, de armar trincheiras cênicas e derrotar a pasteurização pelo talento. Não tão grandioso, não tão avassalador, mas um resultado de ponta. Com ele, a síntese particular de brasilidade de **Antonio Nóbrega** é hoje respeitada. De outra parte, o **Carlton Dance** veio confirmar a trajetória brilhante de dois dos nossos melhores grupos: **Corpo e Círculo Negro**. Um sob a sensibilidade artística que já emergia pelas mãos de Rodrigo Pederneras e outra com a competência do conjunto dirigido por Hilda Bittencourt. Ambas trazendo as duas poderosas vertentes que vigoram em nossa atualidade.

Um terceiro segmento presente foi vencido por suas próprias idiossincrasias, pelo cálculo exagerado de suas fórmulas. No momento em que se expunham no Carlton viviam uma situação limite, a de interromper os



A síntese corporal de Antonio Nóbrega.

Divulgação

trabalhos ou repensar o que cada um entendia por dança. O **Merzpan** com suas histórias rápidas e juvenis, querendo ser engraçados e chiques, mas pisando em terreno coreográfico fofo. O **Terceiro Mundo**, por achar que a miscelânea estética, paixão e erotismo, formam filosofia de porte. E a **Victor Navarro Cla. de Dança** por se ater a fórmulas que deram certo nos anos 70.

Ao contrário dessa realidade, o **Balé**

do **Teatro Castro Alves**, de Salvador, e o **Terpsi Teatro de Dança** de Porto Alegre vieram munidos de maiores certezas. O gaúcho com "Quem é?", um trabalho que havia mexido com as estruturas locais mas num palco grande se revelou desamparado. O balano trouxe o **Malé** de Susana Yamauchi que não pôde ser apreciado acabado. E novamente o risco pode vir a ser maior que a boa intenção.

Marcos Baccaro

## AS ATRAÇÕES DE 92

Destá vez, o Carlton Dance Festival acontecerá em São Paulo, Rio de Janeiro e Campos do Jordão (SP).

A inclusão do interior paulista no roteiro deste grande evento é a novidade da temporada e pode abrir novas portas para a dança no país. Saiba quem é quem.

MARK MORRIS

O **Mark Morris Dance Group** foi criado em 1980. Morris cresceu em Seattle (Washington), onde estudou com Verla Flowers e Pery Brunson. Participou de companhias importantes como a **Lar Lubovitch Dance Company**, a **Hannah Kahn Dance Company** e a **Laura Dean Dancers and Musicians**, entre outras. Além de coreografar para o seu próprio grupo mais de 60 trabalhos, a obra de Morris já integra o repertório de outras grandes companhias como o **American Ballet Theater** e a **Ópera de Paris**. Sem falar na sua experiência em coreografar óperas: destaca-se a produção **Le Nozze di Figaro**, realizada no **Theatre Royal de la Monnaie**, em Bruxelas, onde foi diretor de 88 a 91. Morris faz parte da safra de coreógrafos americanos modernos já consagrados no mundo todo.



Danielle Pierre

EMILE DUBOIS

Criado em 79, pelo coreógrafo Jean Claude Galotta, e a partir de 85, transformado em **Centro Coreográfico Nacional**, o **Emile Dubois** é, sem dúvida, um dos mais destacados grupos franceses do momento. Já tivemos a oportunidade de assisti-lo no Brasil em 1987. Para se ter uma ideia, de 84 a 91, Galotta apresentou cerca de 130 montagens e reinventagens através de 23 países, sendo considerado **Embaixador da Nova Dança Francesa**, entre outras premiações. Embora apresente uma dança com qualidades explicitamente europeias, foi influenciado por dois americanos: Merce Cunningham e Bob Wilson, estudando as tendências modernas e pós-modernas que convivem nos EUA. É um dos grandes destaques do Festival.



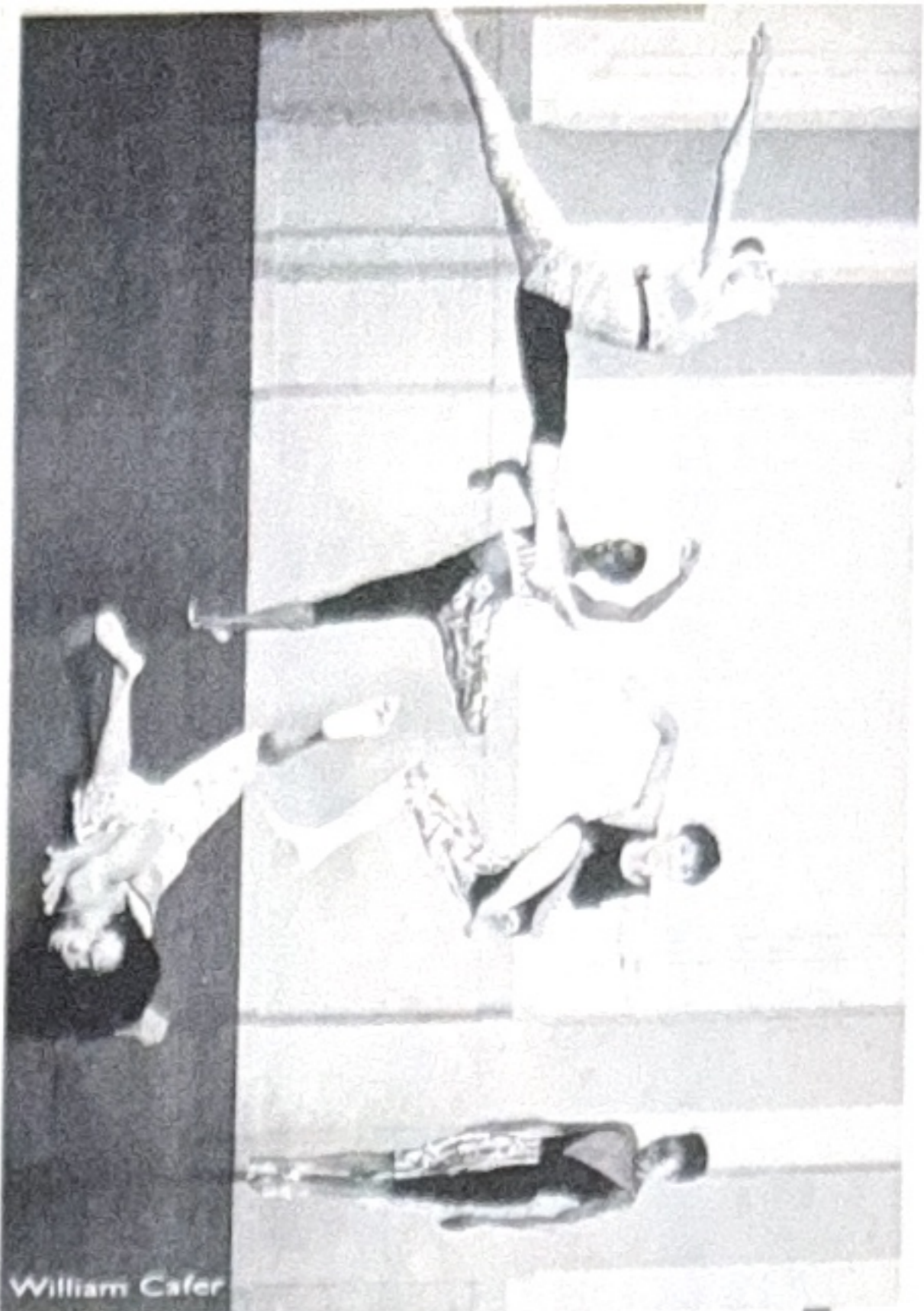
Arnoud Baumann

PAUL TAYLOR

A **Paul Taylor Dance Company** completa 37 anos. Já se apresentou em mais de 300 cidades americanas, realizou 42 turnês ao exterior e recebeu inúmeras premiações. Paul Taylor assina mais de 90 obras para a sua companhia. Estudou pintura na Syracuse University e começou a dançar com Martha Graham e Antony Tudor. É sem dúvida, a referência histórica deste Festival, uma vez que toda uma legião de coreógrafos partiu de sua companhia. Alguns já estiveram presentes aqui, como David Parsons e Tyla Tharp. Mas a lista é longa. Quem tiver curiosidade, pode verificar na sua autobiografia **Private Domain**, já em sua 3ª edição.



Bearitz Schiller



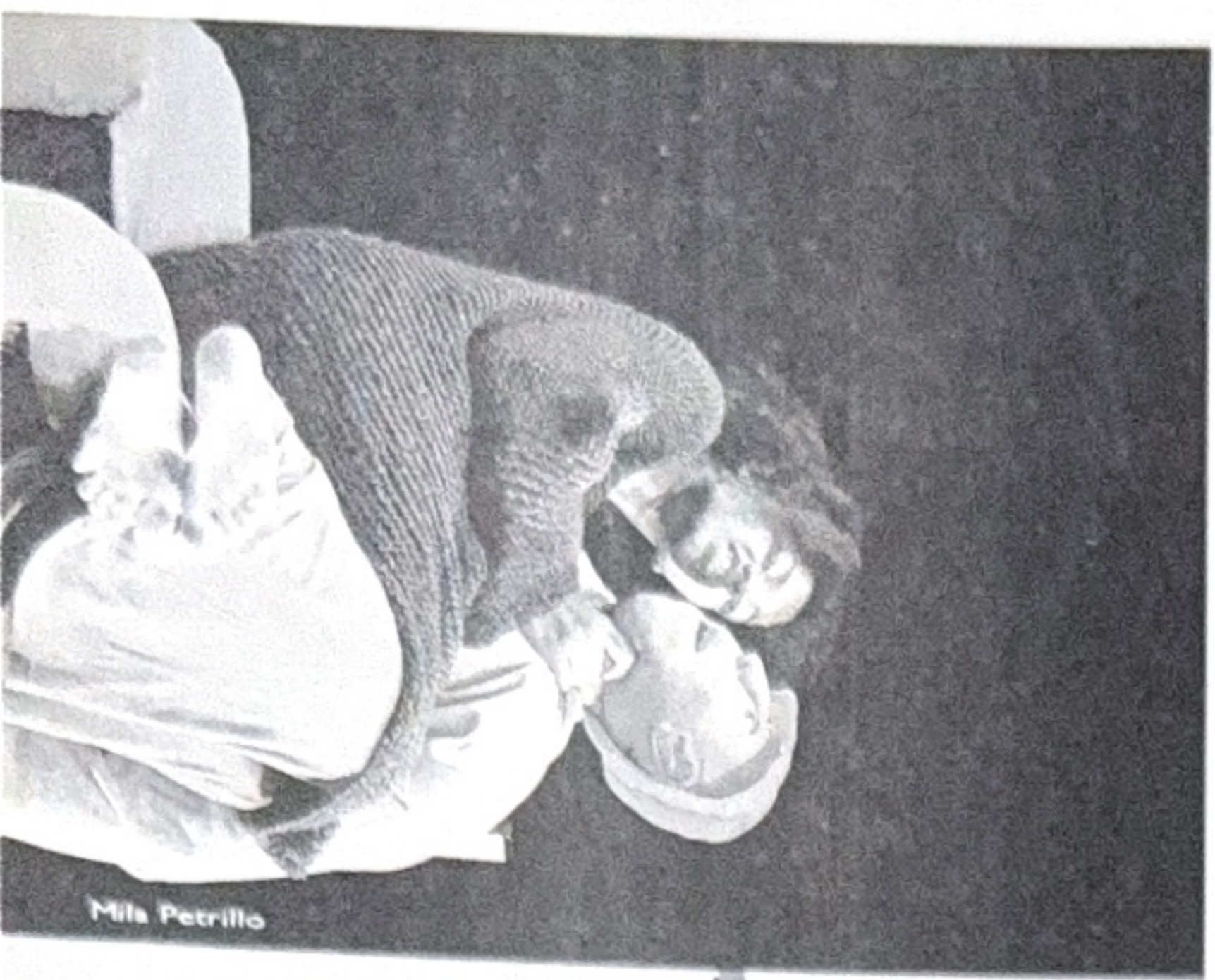
William Caser

GARTH FAGAN DANCE

Começou a sua carreira ao deixar a Jamaica para fazer uma turnê pela América Latina com Ivy Baxter e o **Jamaican National Dance Company**. Assim, a sua obra mescla influências de Baxter, Pearl Primus e Lavinia Williams (dois professores do Caribe); e de importantes mestres da dança moderna americana como Martha Graham, José Limon e Alvin Ailey. O resultado é uma dança energética, com ritmo forte e a destreza do balé clássico reestruturado. Fagan ensina na Universidade de Brockport e já coreografou para grandes grupos como o **Dance Theatre of Harlem** e para Judith Jamison. No entanto, reserva ao seu próprio grupo, criações mais ousadas como a ópera de rua **Queenie Pie**, composta por Duke Ellington.

LA LA LA HUMAN STEPS

O **La La La** nasceu em 1980 pelas mãos do diretor artístico Édouard Lock. Lock pretendia incorporar novos elementos à dança, como filmes, vídeos e músicas experimentais que sintonizassem a sua dança com o mundo atual e os conflitos contemporâneos. Para tanto, o grupo trabalha em ciclos de três anos: um de criação e dois de turnês. Com um repertório bastante variado, o **La La La** já agradou com a mesma intensidade públicos radicalmente diferentes, como o da Olimpíada de Seul, do Balé Bolshoi e da turnê de David Bowie. Com a presença cancelada no III Carlton Dance, devido à contusão de um dos integrantes, só agora poderemos degustar este importante grupo da vanguarda canadense.



Mila Petrillo



Dmitry

ENDANÇA

Luiz Mendonça e Marisa Duarte criaram o **Endança** em 1980. No Núcleo de Dança da Universidade de Brasília, o **Endança** passou a pesquisar uma linguagem própria, participando de **Encontros e Congressos Latino-Americanos**. Já foi premiado na 1ª e na 4ª Mostra de Novos Coreógrafos do Rio de Janeiro e no Festival Ibero-Americano de Coreografia de Barcelona (Espanha, 91). Para Mendonça, a dança é "uma constante busca do conhecimento através de experiências criativas, sensoriais e emotivas". O **Endança** fala do "ser humano, dos seus limites, de suas perspectivas, dos sonhos e dos segredos, imaginando o prazer".

Na história da dança em São Paulo, várias professoras de dança moderna se destacam pelo trabalho pioneiro de divulgação e formação de bailarinos em novas estéticas da dança do século 20. Nomes como Chirina Ullman, Vera Kumpere, Aida Slom e Yanka Rudzka, por diferentes formas de atuação trouxeram à dança, aspectos divergentes da dominância do clássico; ainda que em São Paulo, essa técnica tenha se introduzido, pelo menos no circuito profissional, dentro dos parâmetros de um balé mais moderno, ligado às mudanças propostas pelos **Ballets Russes de Serge Diaghilev**.

Isso torna São Paulo uma cidade peculiar, quando se trata de mapear as origens do balé ou da dança moderna na produção dos anos 30, 40 e 50. Dentro da primeira geração das matrizes da modernidade, Renée Gumiel e Maria Duschenes são duas professoras que atuam hoje, na continuação de duas longas carreiras de realizações. Em princípio, tanto Duschenes como Gumiel partiram de uma mesma formação: o Dartington Hall de Kurt Jooss e Sigurd Leeder, uma escola de dança, fundada nos anos 30 no sul da Inglaterra.

Nascida em 1922, Maria Duschenes chegou ao Brasil com quase 18 anos, e iniciou, através de uma dança coral com as crianças do Colégio Mackenzie, um pioneiro trabalho de dança educativa, ao qual se dedicaria durante toda a sua vida profissional.

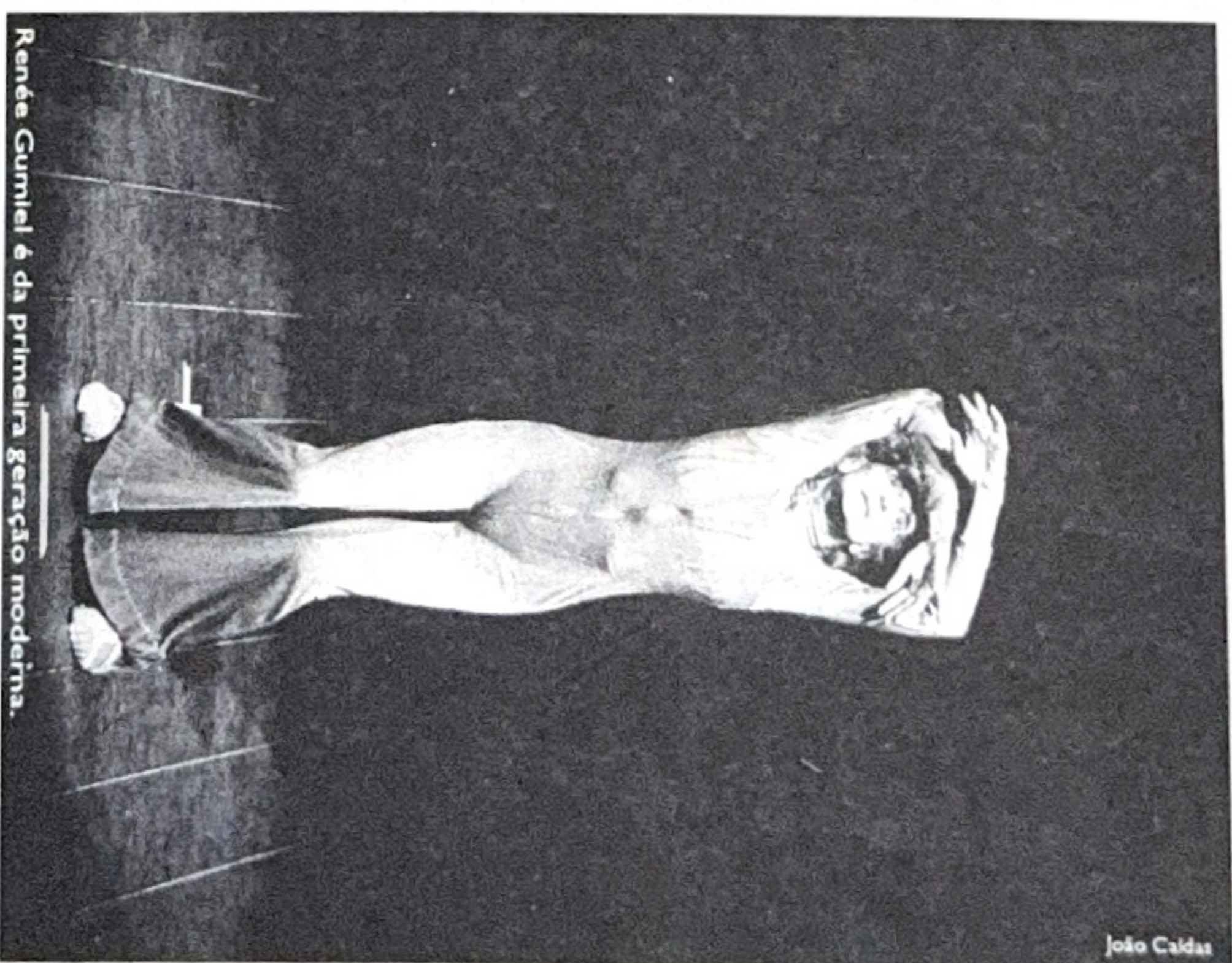
MATRIZES DA MODERNIDADE

Renée Gumiel veio para o país em 1957 e, durante as décadas de 60 e 70, sua escola foi um ponto de encontro de diversos profissionais que buscavam subsídios para uma modernização de seus trabalhos. A escola constituía um pólo catalizador de mudanças e seus grupos reuniam profissionais como Márrika Gidaki, Marilena Ansalidi, Ruth Rachou e Penha de Souza. Além disso, Gumiel também trabalhou em televisão e teatro, atuando como atriz em alguns trabalhos da década de 80.

A produção coreográfica de Maria Duschenes estava voltada para um circuito menos comercial da dança. Seus trabalhos foram apresentados em festivais de música, faculdades, igrejas, praças. Em menor número do que a produção de Gumiel, diferenciavam-se dela, propondo outras linhas de pesquisas. Para isso sempre trabalhou com amadores e profissionais ligados à terapia e a processos pedagógicos. Entretanto, apesar dessas especificidades, por seu estudo passariam bailarinos profissionais como Denílto Gomes, J.C. Viola, Lala Denhenzeln e Juliana Carneiro da Cunha.

Nas particularidades do trabalho dessas duas professoras, que também entenderam a formação pedagógica como um processo de criação artística, residem elementos para o entendimento da evolução da dança na cidade. Com suas propostas de ruptura, dentro de uma estética que precisava seduzir bailarinos e público, criaram novidades e instauraram tradições dentro da linguagem.

São poucos os profissionais da dança no Brasil que não estudaram com Maria Duschenes ou com Renée Gumiel, precursoras da técnica Laban e da euritmia de Dalcroze, raízes da dança moderna alemã



Renée Gumiel é da primeira geração moderna.

João Caldas

CÁSSIA NAVAS prepara, juntamente com Linneu Dias, a publicação de **Anotações sobre a Dança Moderna** que tem lançamento marcado para o segundo semestre deste ano. O Caderno de Dança faz parte do projeto **“Cadernos de Linguagem”** da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo. Serão abordados três aspectos da história da dança moderna na cidade de São Paulo: o trabalho das professoras Maria Duschenes e Renée Gumiel, a experiência do Teatro Galpão e a questão da técnica nos anos 80.

CÁSSIA NAVAS

## CONGRESSO DE LISBOA E O Pensar a Dança

Para muitos, organizar um Congresso Internacional para discutir dança ainda pode surpreender. Afinal, não são poucos os que continuam acreditando que quem dança se exprime exclusivamente com a sua arte, prescindindo de acompanhar a sua atividade de reflexão. Como se o fazer se transformasse num **habens corpus** legitimável em qualquer situação.

Quem participou do DANÇA: CURSOS E DISCURSOS, contudo, o primeiro Congresso Internacional organizado pela Faculdade de Motricidade Humana, de Lisboa, Portugal, entre 7 e 9 de fevereiro de 1992, pôde confirmar que há muita gente, espalhada pelo mundo todo, que tem certeza de que a dança configura um campo de saber atraente não apenas para os que a confinam às barras e plés.

Durante três dias, especialistas da Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Canadá, Bélgica, França, Suíça, Dinamarca, Holanda, Brasil e Portugal apresentaram as suas produções no auditório da Acaarte, um dos braços culturais da Fundação Gulbenkian.

Curiosamente, surgiram algumas tendências geográficas. Os belgas, por exemplo, pareciam interessados em tabular aspectos técnicos. As comunicações originárias da própria Faculdade de Motricidade Humana privilegiaram estudos aplicáveis à pedagogia. Como a Faculdade nasceu a partir de ligações com a Educação Física, percebe-se nos seus pesquisadores a presença daquele que típico dos que trabalham com a imagem de corpo produzida naquela área.

Muito bem estruturado, o Congresso exalou a eficiência da sua Comissão Organizadora, presidida pela Dra. Ana Macara. Caso os Anais sejam efetivamente publicados, contribuições interessantes como a de Germaine Prudhommeau, que entende o percurso do balé entre os séculos 16 e 17 como o que produz a abstração, se tornarão acessíveis a todos. O que não apenas consolidará a importância deste Congresso, como o inscreverá no calendário oficial dos eventos que todos devemos acompanhar.

A crítica e pesquisadora de dança Helena Katz esteve no começo do ano, no 1º Congresso Internacional organizado pela Faculdade de

Motricidade Humana de Lisboa, Portugal e em Nova York assistindo as últimas produções artísticas. Aqui ela comenta a importância do Congresso e o trabalho de três importantes coreógrafos americanos.

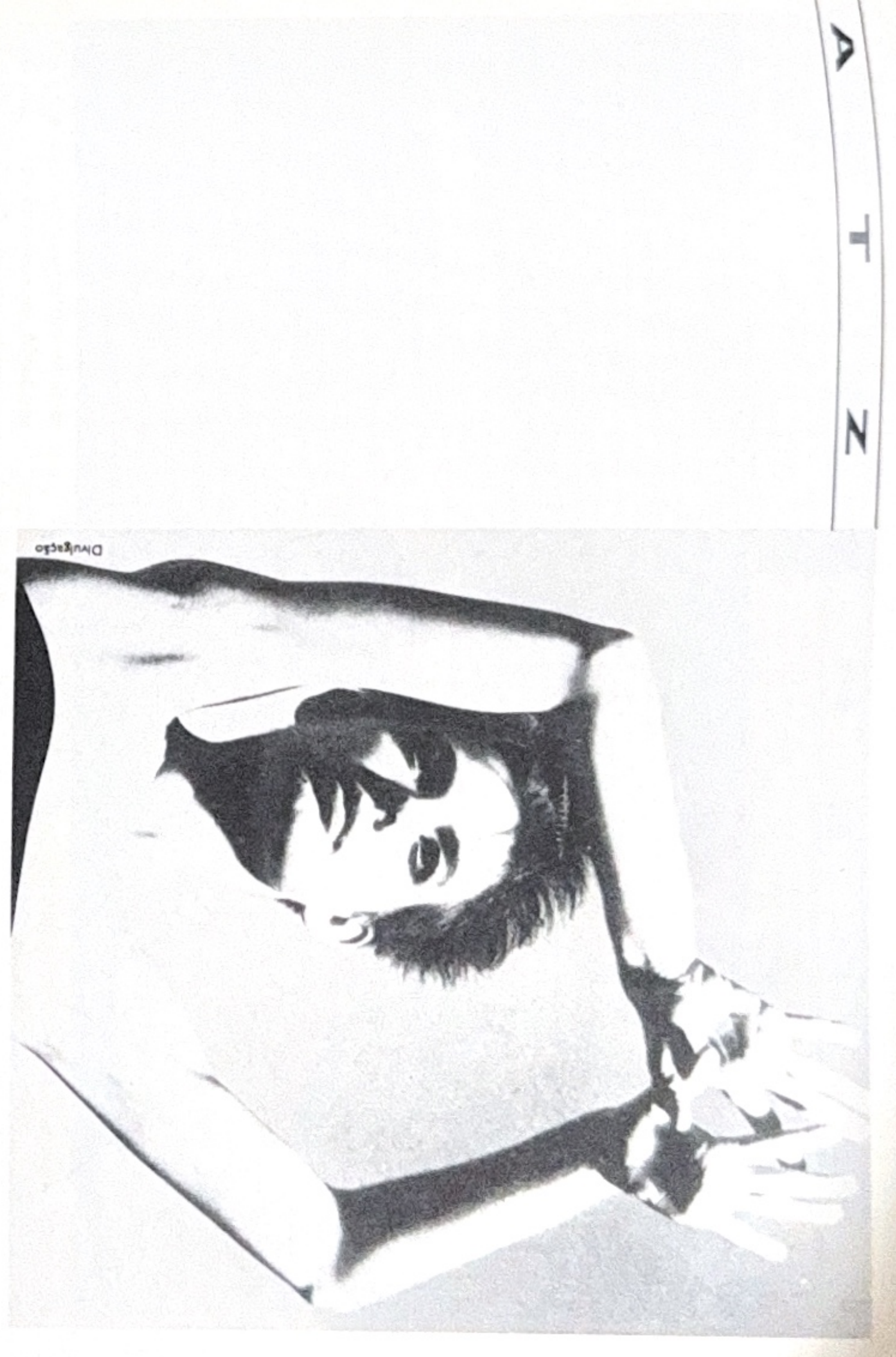
## A Vanguarda AMERICANA

A melhor surpresa da temporada de inverno do New York City Ballet/92 se chama **Delight of the Muses**. Com música de Charles Wuorinen (a partir de duas sonatas e um trecho do Don Giovanni de Mozart), Peter Martins simplesmente deslumbra os órfãos de Balanchine. A sua maestria assalta todos os sentidos e os escraviza. Impossível piscar, se mexer; até o respirar, de repente, parece atrapalhar, tamanho o volume de acontecimentos em cena.

Peter Martins consegue o impossível: nos apresenta com um Balanchine in futuro. Se você já tinha



Molissa Fenley no Carlton Dance 87.



feito o exercício de imaginar uma continuidade para a forma da trama sofisticada cunhada por Mr. B., pre-pare-se: **Delight of the Muses** arreopia com novas combinações o que já era transgressão. Peter Martins parece nos dizer que não há mesmo limite para este tipo de escritura, pobremente identificada como neo-clássica. Citações e fragmentos da mais pura técnica clássica encontraram rearranjos que são como que túneis de novos caminhos construídos pela velha paisagem. Mais que um luxo, esta é mesmo uma delícia para fascinar musas.

Fora do Lincoln Center, algumas outras surpresas também. **Molissa Fenley**, que dançou no Brasil no Carlton Dance Festival de 1988, estreou um trabalho solo no Joyce Theater. Nada mais que esforço aeróbico, nenhuma corrida. Intérprete de altíssima qualidade técnica, na maturidade de seus 38 anos, Molissa mostra que sabe como utilizar cada um dos seus mais que bem trabalhados músculos. Além de um controle que fascina, a sua inventividade coreográfica escapa das várias tendências praticadas por con-

temporâneos seus. Basicamente interessada em desenhos no espaço, controlou frases que se resolvem com a "naturalidade" típica de quem tem o meté no corpo. **Inner Enchantments**, **Threshold** e **Place** põem em cena uma coreógrafia requintada, capaz de, sozinha em cena, por mais de 1 hora e meia, prender a atenção e o interesse da sua plateia.

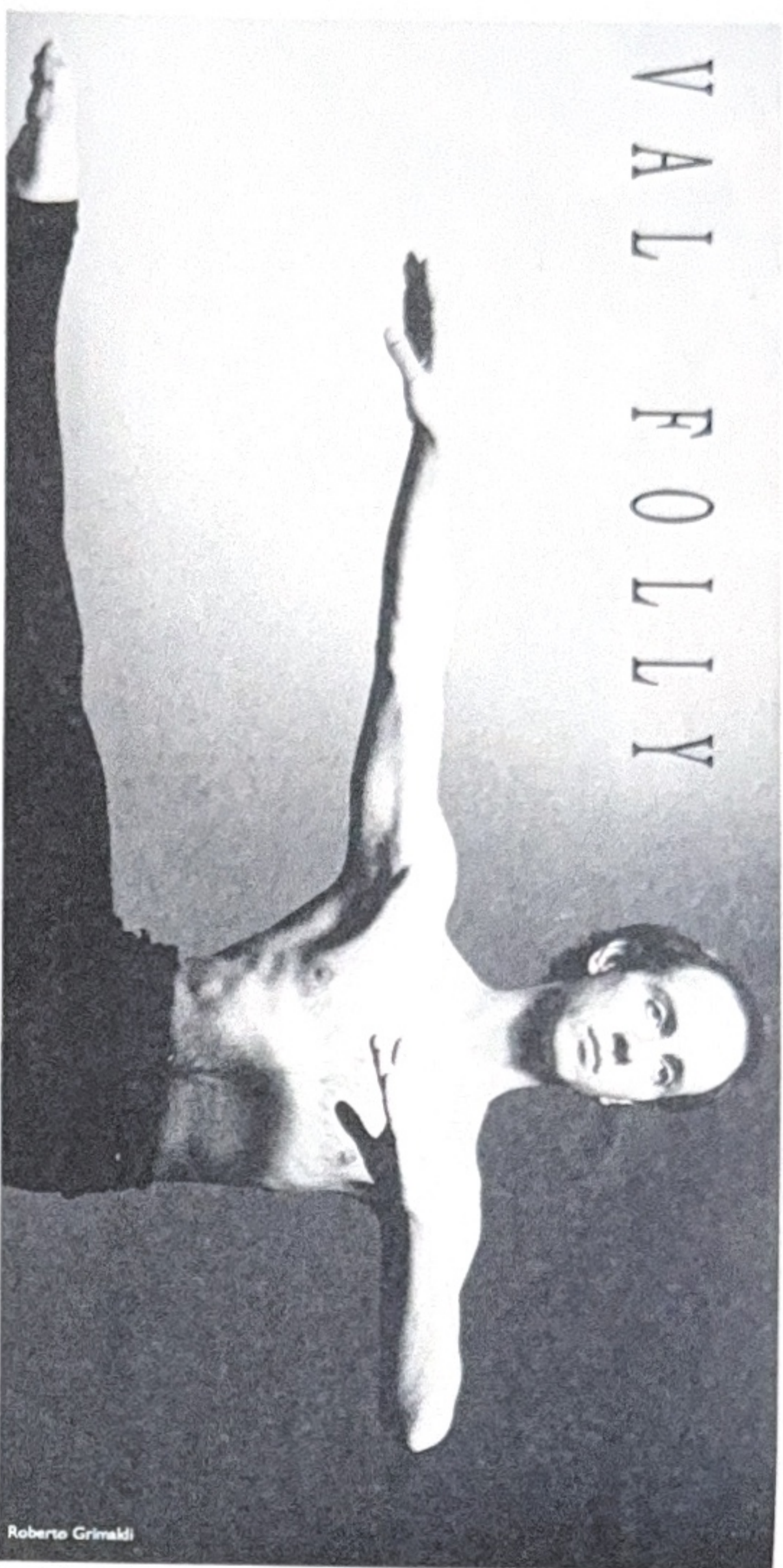
E no City Center, o diferencial X desta temporada: a volta, em grande estilo, de **Twyla Tharp**. Misturando bailarinos tão extraordinários como Isabelle Guerin, Delphine Moussin, Stephane Elizabe e Lionel Delanoe (da Ópera de Paris), Robert La Fosse (do New York City Ballet), velhos companheiros seus (como Jamie Bishton, Kevin O'Day e Keith Young), e alguns convidados igualmente especiais (como Sara Rudner, por exemplo), Tharp montou uma companhia de tirar o fôlego. Um conjunto de indivíduos singulares, com modos de se apresentar muito particulares, que ela explora com uma sutileza espetacular. Até a própria volta a dançar, na novíssima **Men's Piece**, a obra mais arrojada da nova temporada.

**Men's Piece** parece funcionar como sua bula de intenções para os anos 90. Tem até discurso (dito ao vivo, por ela mesma). Aqui Tharp como que retoma o intelectualismo dos seus primeiros tempos. Os anos 80 não passaram ilesos pela sua cabeça esparta. E Ms. Tharp vai fundo na desconstrução da arquitetura cênica que havia grifado. Evidente que o grande hit continua sendo **Nine Sinatra Songs**, o melhor emblema para o lado mais fácil da sua obra.

**Grand Pas: Rhythm of the Saints** e **Sexter** (uma estréia), contudo, apontam para outro flanco. **Grand Pas** responde pelas questões de multiculturalismo, tão presentes nos nossos dias; e **Sexter** cuida do intramuros da dança, explora suas questões técnicas mais específicas, rascunhando uma outra gramática para o velho estilo Tharp.

Em qualquer dos setores, Nova Iorque ainda exhibe uma dança instigante. Difícil para nós, do cada vez mais distante Terceiro Mundo, é conseguir se manter em dia com a informação que lá se produz a cada nova temporada.

# VAL FOLLY



Roberto Grimaldi

A construção de idéias, de manietras de encarar o mundo, em estúdios, em propostas de esparramar pelo corpo a vida, é um processo que não se esgota no tempo mas tem seu estágio de maturação. É o momento em que olhamos para uma obra e reconhecemos nela a imagem de seu criador. Justamente nessa passagem perdemos Val Folly, bailarino, professor e coreógrafo. O *Val de Será que Alguém Morreu?* (Balé Teatro do Bixiga), *O Homem Que Não Botava Ovo e Cachorro Sem Dono*, ambos vividos na pele de Umberto da Silva, e Prêmio APCA 88 e 89. Cenas inquietas, de quem lança as emoções grudando-as nos músculos, nos ossos, nos tendões.

Val Folly desenhou sua ponte entre a dança e o teatro. Fez despertar um novo corpo, e um novo intérprete em Umberto, desabrochando um vulcão artístico adormecido. Nada em Val era a aventura. Ele se fazia obedecer por um jogo fulminante entre o pensar e o irracional. O gesto era depurado, para não se perder no excesso. Até mesmo em Cabaret (Prêmio APETESP), onde seus movimentos se dissemelhavam diferentes e estranhados num musical típico do brilho fugaz; ou mesmo nas mídias elegantes (e prazerosas) de *O Sonho de Uma Noite de Verão* (de Cará Rosset).

Isso já gestava nos anos 70, em meio às novas propostas que surgiam no cenário americano. Val dançou com o *Joffrey Ballet*, estudou na respeitada Julliard School of Arts e nas escolas famosas do *New York City Ballet* e *American Ballet Theatre*. Foi bolsista da Fullbright estudando com *Murray Louis* e *Alvina Nikolais*. De volta, no início dos 80, o Paraná

o acolheu. Val Folly e Companheiros (com Eva Schull), UAIC, foram sua segunda casa. Val era paulista. Encontrou espaço em São Paulo, depois de ter passado pelo Rio e Curitiba. As parcerias começavam a dar certo: Clarisse Abujamra (TBD), Penha de Sousa (Balé Teatro do Bixiga) e seu companheiro mais engrenado, Umberto da Silva. E em Umberto está esse legado.

MARCO BRACATO

O Homem Que Não Botava Ovo foi o começo de uma cumplicidade de irmãos. Apesar das diferenças, ele capricomiano e eu turino, começamos por ver as igualdades: a mesma idade, a mesma carga, o mesmo tipo físico, o mesmo fascínio pela dança e as mesmas inquietações. Ele um homem culto tocado pela razão e eu pura emoção.

Val chegou e revirou todos os meus conceitos, mexeu em todos os meus códigos mas não me obrigou a fazer igual a ele, como até então era normal eu encontrar em outros coreógrafos. Reforçou e re-trabalhou o meu lado de intérprete. Re-trabalhou meus movimentos, minhas pausas, minhas tensões desnecessárias. Mudou meu conceito de dançar e devolveu ao meu "intérprete" a confiança esquecida. E tudo começou com um gesto de limpar uma lágrima e dar um adeus.

UMBERTO DA SILVA



"Não existo. O que existe é o meu trabalho. E minhas aulas não são para meus alunos: são para mim"

O projeto *Memória Presente*, da Secretaria Municipal de Cultura e TV Anhembi, tem como objetivo documentar personalidades do mundo cultural paulistano. Foi lançado em vídeo, o documentário sobre Klaus Vianna com entrevistas de Dulce Aquino, Helena Katz, Cássia Navas e Rainer Vianna. Dia 9 de junho, às 20 h, no Sesc Anchieta, dentro da programação do *Movimentos de Dança*.

## KLAUSS VIANNA

### Uma Vida Dedicada à Dança

Quem dá a conhecer o que antes não existia, geralmente promove estranhamento. Desde o início, este foi o seu tom. Afinal, por que um "patinho feio", com uma perna mais curta que a outra, iria escolher justamente a dança?

Emplenos anos 40, numa Belo Horizonte mais que preconceituosa, Klaus Vianna assiste ao Balé do Juventude, de Igor Schewzoff. Aquela mistura de dança, teatro e música o contamina de tal modo que muda a sua vida, misturando desde logo o que acontecia no palco, com o que existia fora dele.

Klauss Vianna foi um Mestre. Desses que mudam o mundo com a sua presença. Incansável praticante da indução, fez da observação o seu principal instrumento de trabalho. No corpo dos outros, se fascinava pelos ossos do esqueleto, pelos encaixes. Mais que os gestos, o jeito como cada um acontecia.

Um Sócrates dos nossos tempos, que praticava uma maléutica especial. Tinha a dança como uma espécie de incorporeidade pura, anterior a qualquer espécie de ensino. Que o professor deveria apenas trazer à luz, fazer nascer.

Brava com as materialidades empíricas que prendem a dança à imediatiz da sua forma. Inibía o embate permanente entre o desejo enquanto aspiração (ascensional, que remete para uma espécie de condção originária de pureza) e o desejo enquanto apetite (que é do corpo, na sua imediatiz factual).

Mas foi na prática didática, em mais de 40

anos de sala de aula, que desenvolveu a sua Pedagogia da Consciência. Quando a levou para o teatro, ganhou um Molière (com "Roda Viva", direção de José Celso Martinez Correa, em 1974). No ano seguinte, sofreu uma parada cardíaca e implantou duas pontes safenas.

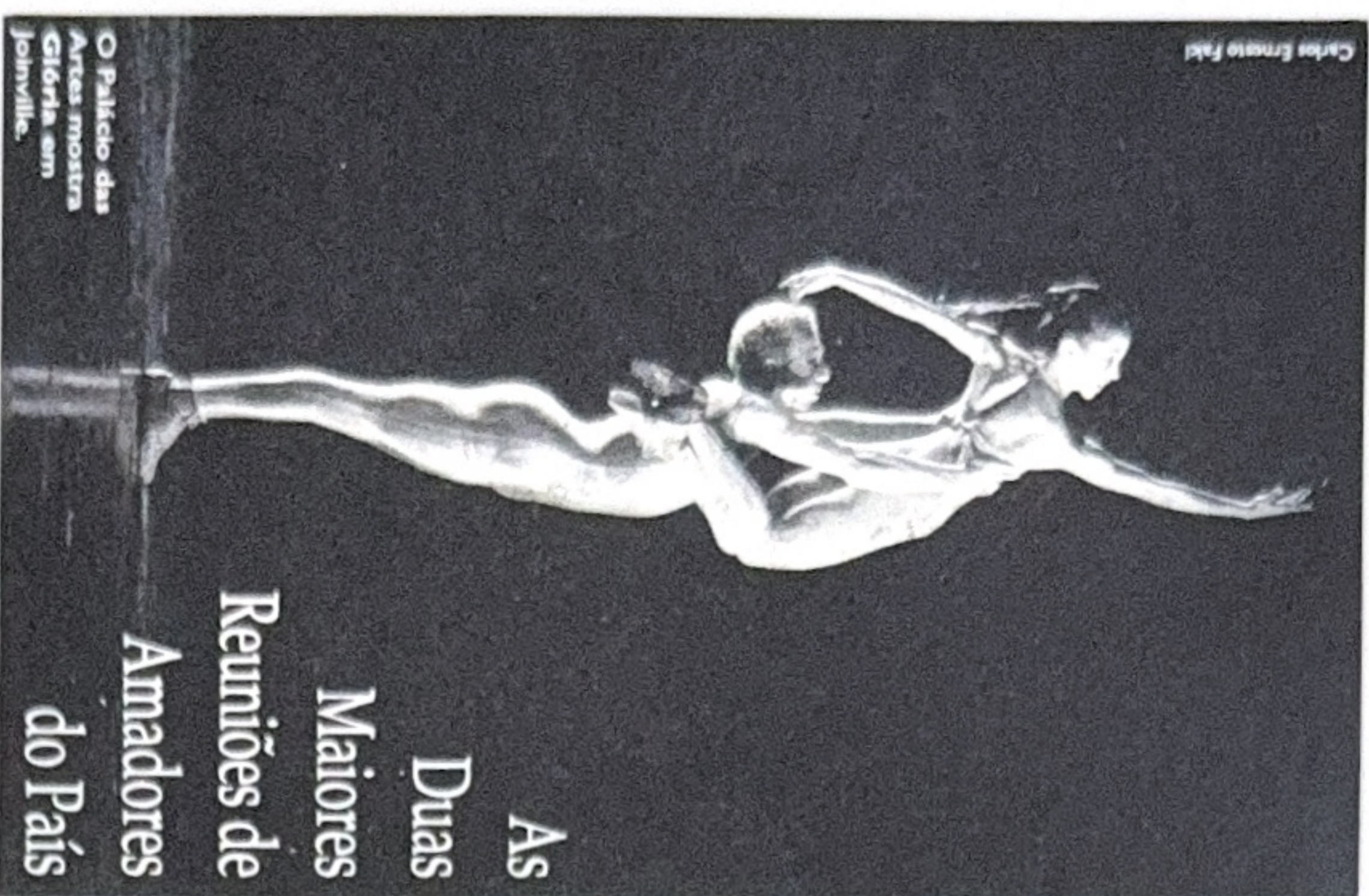
Quando assumiu a Escola Municipal de Bailados (1981-1982), em São Paulo, introduziu o curso de dança moderna e criou a primeira turma noturna exclusiva para rapazes. Pouco depois, ao assumir o Balé da Cidade de São Paulo (1983-1985), abriu espaço para o convívio entre a dança oficial e a dança experimental.

Em 1987, produziu *Dã Dã Corpo*, com Zélia Monteiro, Duda Costilhes e Izabel Costa, um protótipo coreográfico das suas idéias pedagógicas sobre a construção da dança no corpo do bailarino.

Em tudo o que fez, a mesma marca: a da crença que a causalidade mecânica do corpo não deveria aprisionar a dança. Klaus dedicou a sua vida a consolidar a dança como uma Razão Platônica, um liame entre o uno e o múltiplo, do finito com o infinito.

Tecer, tramar conjunções propícias para que o apetite não perdesse de vista a aspiração. Fazer da passagem da dança para a vida uma via única de mão dupla. Quem, senão um Mestre, tomaria a si tarefas tão absorventes, que dissolviam na sua própria individualidade os limites de ambas?

HELENA KATZ



O Palácio das Artes mostra Clóvia em Joinville.

## As Duas Maiores Reuniões de Amadores do País

Joinville e Uberlândia continuam se concretizando como os maiores festivais em estrutura e organização, dos que optam pela competição. O pioneiro está fazendo 10 anos, uma década de luta para acompanhar seu próprio crescimento, seu gigantismo tecido. É Joinville que, depois de nascer como o primeiro de uma lista e engendrar cópias pelo país, sobrevive a toda crise econômica. A versão 92 acontece na segunda quinzena de julho e realiza o primeiro feito de sua vida: colocar quatro das cinco companhias oficiais brasileiras no palco do Ginásio Ivan Mendes, além dos grupos que receberam durante esses anos a premiação máxima ou o Troféu Transilório. **Balé da Cidade de São Paulo, Balé do Teatro Guaira** (Curitiba), **do Palácio das Artes** (Belo Horizonte) e **do Teatro Municipal do Rio**, é o maior desafio do evento coordenado por Albertina Ferraz Tuma. A cidade está sendo mobilizada, dos poderes executivos (prefeitura e estado) ao comércio e à indústria local para garantir a grandiosidade da maior reunião de bailarinos amadores do país. Albertina diz que a ajuda está sendo maior neste ano. Para ela, a solução para essa corrida anual atrás de patrocinadores seria resolvida com a adoção do festival por uma das empresas locais: "Isso não vai demorar. É uma questão de tempo", diz.

A cifra de grupos participantes em Joinville é grande: 125 de todo o Brasil e da América Latina. O corpo de Jurados e professores, segundo a Coordenação, está formada por profissionais da Grã-Bretanha, Argentina, Cuba, Estados Unidos e Brasil. A cidade será tomada pela dança através de palcos ao ar livre e nas empresas.

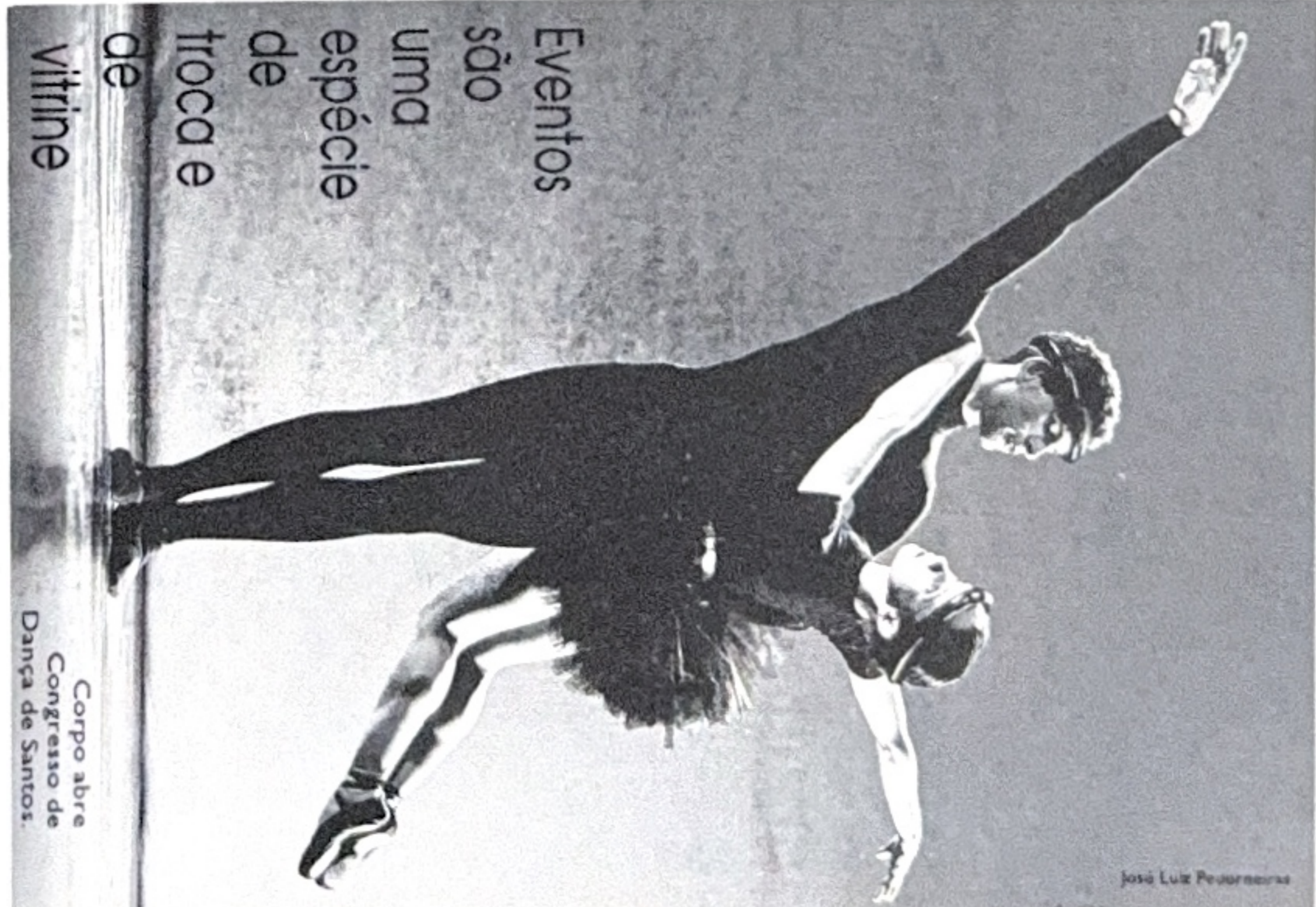
Os números da sexta edição do Festival de Dança do Triângulo, em Uberlândia, são menores: 84 grupos concorrentes fazem sua festa no sul de Minas, caclfiados por um trunfo, a abertura do evento com o **Cisne Negro** de São Paulo. O público presente, com certeza, terá oportunidade de olhar como a dança brasileira está madura nos corpos dos bailarinos da companhia paulista. Como o de Joinville, o de Uberlândia terá também seminários e cursos de diversas modalidades, com a participação de um outro grupo profissional, o **Vallou Dançou** do Rio de Janeiro.

10º Festival de Joinville ..... de 17 a 28 de julho  
6º Festival de Dança do Triângulo ..... de 11 a 19 de julho

Uma saudável reversão de valores já se iniciou nos anos 90. Aos poucos cresce o bloco de eventos, nacionais ou regionais, vinculados à proposta de refletir, informar e expor a produção que os cerca. O **Congresso de Dança**, do Sesc de Santos, desponta, nesse aspecto, como a estrutura mais sofisticada, envolvendo tanto amadores como profissionais em vivências de linguagens, fórum de debates e espetáculos. O grupo **Corpo** de Belo Horizonte abre o evento seguido do **Tran-Chan** (Ba), **Ivaldo Bertazzo**, **Susana Yamauchi** com **A Flor da Pele**, e **Umberto da Silva e Ana Maria Mondini** com **Stress sob as Estrelas**. O **Movimentos de Dança**, do Sesc Anchieta, em São Paulo, filtra as propostas de profissionais e somente depois organiza o programa a ser apresentado. A maioria, entretanto, dos que sobrevivem alcançam apenas a produção local. O **Dança Porto Alegre** é o exemplo de resistência e de espaço para o exercício da inteligência. Diferencia-se de todos por sua própria conformação, idealizada e organizada pela Elis Produções, em que se radiografa de forma avançada os espetáculos apresentados mas sempre com um tema girando ao seu redor. O de 91 ficou marcado pela baixa produção. O deste ano, que acontece em dezembro, avizinha-se um outro quadro. Os grupos gaúchos estão se rearticulando e muita coisa nova poderá aparecer.

Outros de maior projeção em suas localidades, atendendo grupos amadores e escolas, como os de **São José dos Campos** (SP), **Londrina** (PR), e os **Dança Sul** (Pelotas) e **Dança Alegre Alegrete**, ambos gaúchos, também não tem caráter competitivo. Funcionam como uma vitrine interligada a cursos e palestras. O de São José faz uma seleção prévia dos grupos interessados, basicamente formado por paulistas da região. O de Londrina se realiza durante todo o ano e serve para acordar as pessoas com oficinas e cursos especiais, além de presença de companhias profissionais.

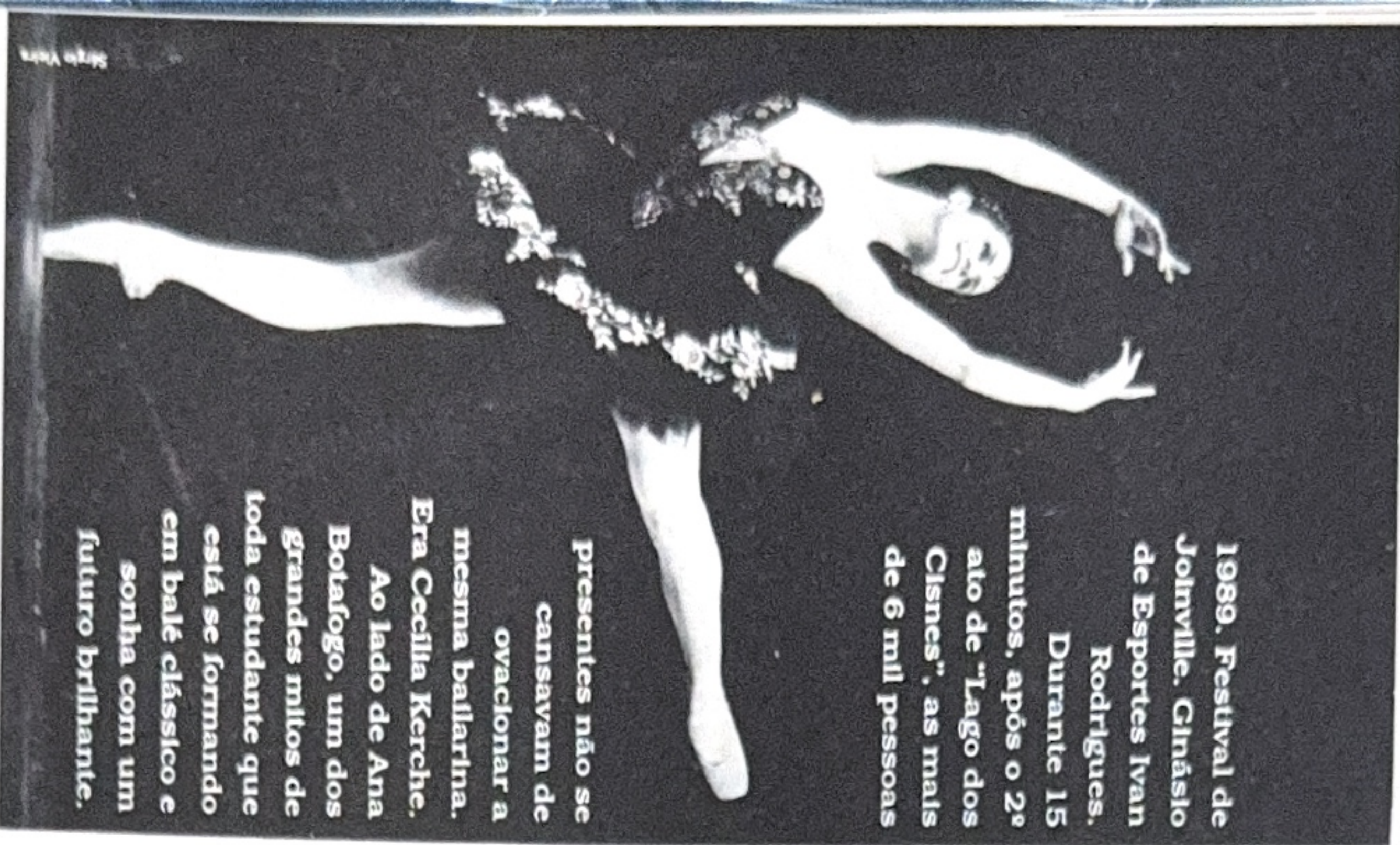
Se o Dança Sul abraça apenas as cercanias do Rio Grande, como Curitiba e Florianópolis, o Dança Alegre Alegrete já conseguiu mostrar à população trabalhos vindos de toda a parte do país. A sua característica principal é se realizar ao ar livre. Em 91 não houve evento. Para este ano, os organizadores já começaram a preparar a organização de um festival que é na verdade uma congregação entre bailarinos e plateia.



Corpo abre Congresso de Dança de Santos.

## Eventos são uma espécie de tocca e de vitrine

**Dança Sul** ..... 11 a 14 de junho  
Pelotas  
**Congresso de Dança** ..... 30 de junho a 5 de julho  
Sesc de Santos (SP)  
**Festança** ..... 23 a 27 de junho  
S. J. dos Campos  
**Movimentos de Dança** ..... 29 de set. a 04 de outubro  
Teatro Sesc Anchieta (SP)  
**Dança Porto Alegre** ..... Dezembro  
Teatro São Pedro (P. Alegre)  
**Dança Alegre Alegrete** ..... Dezembro  
Alegrete (RS)  
**Festival de Londrina (PR)** ..... O ano inteiro



**1989. Festival de Joinville. Ginhásto de Esportes Ivan Rodrigues.**  
**Durante 15 minutos, após o 2º ato de "Lago dos Cisnes", as mais de 6 mil pessoas**

**presentes não se cansavam de ovacionar a mesma bailarina. Era Cecília Kerche. Ao lado de Ana Botafogo, um dos grandes mitos de toda estudante que está se formando em balé clássico e sonha com um futuro brilhante.**

Uma aura de encantamento e irrealidade envolve, há décadas, as bailarinas clássicas. Nada tem a ver, por exemplo, com outras manifestações de dança, como alguns espetáculos da dança-teatro alemã que transformam o palco em um verdadeiro laboratório de emoções humanas, destruindo, ao final da apresentação, os cenários e todos os sonhos e ilusões do público. A bailarina clássica, no contexto das histórias do repertório tradicional, conduz a platéia a um universo paralelo, que muitas vezes provoca concepções erradas em relação à dança e à carreira profissional.

Não é fácil ser bailarino. E a história de Cecília Kerche é recheada de disciplina, força de vontade e muito trabalho, a exemplo de tantos outros profissionais da dança. Aos oito anos, ela começou a estudar na pequena cidade de Osasco (SP). Filha de professores, sempre foi educada com rigidez, o que facilitou a sua adaptação à disciplina do balé. Desde criança estabeleceu uma meta: aos 25 anos seria primeira bailarina de uma companhia importante. E, de fato, lá estava, aos 25 anos e dois meses como primeira bailarina do Teatro Municipal do RJ, recebendo elogios da exigente Dalal Achcar.

Mas toda esta caminhada exige um esforço e um aperfeiçoamento constante. Até hoje, já uma consagrada estrela internacional, o dia-a-dia de Cecília conta com um trabalho bastante rigoroso. "Acordo cedo, faço uma hora de fisioterapia para torozelo e joelho, depois tomo café. A minha primeira aula é com Pedro, meu marido, em seguida vou para o teatro ensaiar com o corpo de baile. Depois faço ensaios extras com Pedro para me aperfeiçoar, e só então posso cuidar da minha casa, dos cachorros e descansar". Embora nunca tenha feito regime, Cecília procura alimentar-se adequadamente, equilibrando proteínas, fibras e sais minerais.

Mas além dos cuidados com o corpo, lembra que o bailarino deve estar sempre atento à disciplina mental e, se for necessário, pronto a recomendar, como aconteceu em 1990, quando Cecília foi vítima de um sério acidente que a obrigou praticamente a reaprender a andar, para só depois retomar os estudos de dança.

"A situação atual é complicada para todos. O balé é considerado um luxo, quando na verdade é fundamental já que traz cultura, lazer e diversão ao público", lamenta a bailarina. Por isso, aconselha a quem está começando, a aprimorar ao máximo o desempenho artístico e técnico "que precisa ser tão natural quanto andar e falar, é como se a dança fosse uma segunda natureza". É preciso estabelecer metas e cumprilas para encontrar espaço no mercado de trabalho. Para Cecília, que tem sido convidada por tantas companhias estrangeiras (veja o box), resta ainda o sonho de dançar *La Sylphide* (o acidente a impossibilitou em 90), *Eugenio Oneguim* e *Romeu e Julieta*.

Este ano, a sua agenda marca uma atuação em Buenos Aires, junto ao Balé do Teatro Colón (dança *Lago dos Cisnes*, na versão integral de Jack Carter), de volta ao Rio, interpreta *Floresta Amazônica* no Teatro Municipal, em Curitiba, participa do Festival de Inverno de Curitiba; e, em Joinville, do X Aniversário do Festival



# CECÍLIA KERCHHE

## Curriculo

- 1965 - Aos 8 anos, inicia os estudos de balé clássico em Osasco, SP, com Vera Mayer.
- 1972 - Dança o 1º pas de deux de repertório clássico, **Bodas de Aurora** com Pedro Kraszczuk (seu atual marido e professor).
- 1982 - Integra o Corpo de Baile do Teatro Municipal do RJ como corifeu. No final do ano é promovida à categoria de solista.
- 1985 - Torna-se 1ª Bailarina
- 1986 - Participa do documentário **Ballerina** (produção da BBC de Londres) a convite de Natalia Makarova. Este filme foi exibido na Europa e nos Estados Unidos.
- 1988 - Apresenta-se em Gala de Balé Latino Americano em Buenos Aires e no XI Festival Internacional de Balé de Havana. É convidada por Alicia Alonso para dançar a versão completa de **Lago dos Cisnes** com o Balé Nacional de Cuba. De
- 1990 - volta a Buenos Aires, dança com 50.000 pessoas na gala de Comemoração do Dia da Democracia Argentina.
- 1989 - Participa de Gala Comemorativa do 10º Aniversário do Balé Concerto de Porto Rico (ao lado do NY City Ballet, da Ópera de Paris e outras grandes companhias). Realiza 2 turnês (Argentina e URSS) como artista convidada. Apresenta **Lago dos Cisnes** no Festival de Joinville.
- 1990 - É convidada pelo Australian Ballet para uma temporada do Balé Spartacus (coreografia de Laszlo Seregi). Afasta-se durante seis meses do palco, devido a um grave acidente.
- 1991 - Dança o **Lago dos Cisnes** com o Balé Concerto de Porto Rico. Participa do **Rencontres International de la Danse de La Baule**, na França.

# ONDE APRENDER

## SÃO PAULO

### São Paulo

#### BALLET PAULA CASTRO

Escola oficializada em nível de 1º e 2º graus (deleibergação 9/81 e 15/88).  
Habilitações: Magistério de Dança e Técnico de Dança.

R. Monte Alegre, 1104  
F: 263-7637 e 864-3081

#### BALLET ANA PAVLOVA LTDA.

Ballet Clássico, Baby Class, Infantil, Preparação da Royal Academy of Dance

R. Conde de Itú, 350  
F: 522-1551

#### Dir. Art. Ana Maria Pellegrino

#### BALLET ARTE-EXPRESSÃO

Ballet Clássico, Jazz e Ginástica  
Av. Ginhartas, 266  
F: 575-4037

#### Dir. Art. Helena Weber

#### BALLET MARIA HELENA MAZZEIT

Ballet Clássico, Ballet Moderno, Método Royal, Jazz e Ginástica para senhores.

R. Dom Luis de Bragança, 210  
Dir. Art. Maria Helena Mazzeit

#### BALLET ILARA LOPES

Ballet Clássico, Jazz, Ginástica Modeladora, Acrobacia

R. Dna. Verediana, 158  
F: 220-8112

#### Dir. Art. Ilara Lopes

#### BALLET TERPSICORE

Ballet Clássico, Jazz, Sapateado, Patinação e Ginástica

R. Antonio Pinto Bandeira, 109  
F: 204-9680

#### Dir. Art. Marta Meliane

#### CAMILA BALLET

R. Pretória, 318  
F: 294-2240

#### Dir. Art. Luciana Camilla Pupa de Freitas

#### CENTRO DE DANÇA HALINA BIERNACKA

Ballet Clássico, Jazz, Sapateado, Abertura, Alongamento e Ginástica Rítmica e Acrobacia

R. Caetés, 435 / F: 262-2004  
R. Congo Eugênio de Lima, 70  
F: 852-8806

#### COMPANHIA DE DANÇA

Clássico (prof. e inici.), Moderno, Jazz e Ginástica

R. Campos, 197  
F: 62-4670

#### Dir. Art. Vera Francini e Viviane Teperman

#### ESCOLA DE BAILLADO NICE LEITE S/C LTDA

Clássico (Básico, Profissionalizante)

R. Dr. Veiga Filho, 704/708  
F: 67-8188

#### Dir. Art. Nice Leite

#### ESPECIAL AC. DE BALLET

Clássico, Jazz, Baby Class, Preparatório da Royal Academy of Dance

R. Pe. Estevam Pernet, 292  
F: 296-1020 - Tatapé

#### Dir. Art. Aracy de Almeida

#### FAMA GINÁSTICA E DANÇA

Ballet Clássico, Moderno, Ginástica Localizada e Acrobacia, Jazz e Alongamento

R. Rodrigo Cláudio, 357  
F: 288-0785

#### INTERNACIONAL CENTRO DE DANÇA PASSARO DE FOGO

Clássico, Jazz, Flamenco, Espanhol, Ginástica Modeladora e Acrobacia

Av. Paes de Barros, 2953  
F: 274-0246

#### Dir. Art. Rosani Garcia e Carlos A. Souza

#### KIKA TAP CENTER

Sapateado

R. Suzano, 136  
F: 887-4752

#### Dir. Art. Kika Sampaio

#### LAURA BALLET

Classes especiais para crianças a partir de 3 anos, Clássico, Jazz, Ginástica Rítmica, Acrobacia, Modeladora e para Gestantes, Alongamento e Sapateado.

Av. Washington Luiz, 1089, lj. 29, piso lazer

F: 533-0347

#### VERÔNICA BALLET

Clássico, Moderno, Jazz, Sapateado

Av. Indianapolis, 595  
F: 571-0788

#### Dir. Art. Verônica Coutinho

#### BALLET YOLA GUI-MARQUES

Ballet Clássico, Moderno

R. Major Fraga, 4-174  
F: 23-1636

#### Dir. Art. Yola Guimarães

#### BALLET VITÓRIA RÉGIA

Clássico, Neo-Clássico e Contemporâneo

Av. Com. José da Silva Martha, 1-20  
F: 23-5988

#### Dir. Art. Dalva Maria Correa Silva

#### Itu

#### VIDA ROSA - DANÇA, AÇÃO E ARTE

Sapateado, Ginástica, Ballet Clássico, Jazz, Acrobacia e Musculação

Av. Tiradentes, 800  
F: 482-0016

#### Jundiaí

#### BALLET TEATRO OFICINA

Clássico, Moderno, Jazz, Sapateado, Baby Class, Teatro, Ginástica Acrobacia

R. Baão de Jundiaí, 1093  
F: 434-9931

#### Dir. Art. Jô Martins

#### Limoeira

#### ADANAC - DANÇA E ARTES

Ballet Clássico, Jazz, Sapateado, Ginástica

R. Vis. de Rio Branco, 79  
Dir. Art. Yvone Spichler

#### Ribeirão Preto

#### ROSE BALLET SCHOOL

Clássico, Jazz e Sapateado

R. Garibaldi, 777  
F: 635-2777/652-8800

#### Dir. Art. Rosemary Barreira Cassiani

#### São Caetano do Sul

ESCOLA DE BALLET TOSHI KOBAYASHI

R. Pinheiro Machado, 21  
F: 453-0904

#### Dir. Art. Toshie e Kobayashi

#### SANDRA AMARAL

Ballet Clássico, Baby Class, Jazz, Sapateado, Pas-de-Deux

R. Noel Rosas, 212  
F: 453-9811

#### Dir. Art. Sandra Amaral

#### SCOTT CENTER CULTURA FÍSICA

R. Sen. Roberto Simonsen, 140  
F: 441-2603-CEP 09530

Dir. Art. Mª Alice de Castro Valank

#### São Carlos

#### ESCOLA DE BALLET EXPRESSÃO

Jazz, Clássico, Baby Class, Clássico Infantil, Sapateado, Moderno, Ginástica Rítmica, Manequim e Ag de Modelos

R. Visc. de Inhamuna, 1305  
F: 71-5214

#### Dir. Art. Elizabeth Kiyomura

#### BALLET VALDEREZ BALLET

CIDADE DE SANTOS

R. Duque de Caxias, 150- CEP 11075

#### Dir. Art. Valdevez Zani

#### RIO DE JANEIRO

#### Rio de Janeiro

#### ACADEMIA OFICINA DO CORPO

Av. Rodolfo Amoedo, 45  
F: 399-1819

Dir. Art. Frederico Laatsch

#### ACADEMIA VALÉRIA MOREYRA

R. Quilo, 91/95  
Dir. Art. Valéria Moreyra

#### CORPORE CLUBE DE GINÁSTICA

R. Vis. de Pirajá, 365, sobreloja  
F: 287-6797

#### Dir. Art. Antonio Vieira, 24, Leme

R. Marquês Abranches, 38, sobreloja,  
Flamengo  
R. Conde de Bonfim, 422, sobreloja,  
Tijuca

#### CORPUS ESCOLA DE DANÇA

Clássico, Jazz, Moderno, Sapateado, Alongamento, Afro e Dança Espanhola

Av. Armando Lombardi, 875  
F: 399-1503

#### Dir. Art. Elisabeth Serti

R. Baronesa, 750, Pça. Seca,  
Jacarepaguá  
F: 359-1588

#### DANCE CENTER NINO GIOVANNETTI

R. Siqueira Campos, 43/724  
F: 255-9297

#### Dir. Art. Nino Giovanni

#### JAZZ CARLOTA PORTELA

R. Jd. Botânico, 119  
F: 266-7991

#### Dir. Art. Carlota Portela

#### JAZZ E CIA

Jazz, Clássico, Sapateado, Alongamento, Curso de Teatro

R. Cel. Durico de Souza Gomes Filho, 99, 2º andar, Barra  
Dir. Art. Renato Vieira/ Betina Guehmann

#### ESTÚDIO ELIANA KARIN

Ballet Clássico (Método Russo), Alongamento

R. Miguel Pereira, 64  
F: 286-2864

#### Dir. Art. Eliana Karin

#### ESCOLA DE DANÇA MYRIAN CAMARGO

R. Lopes Trovão, 52/301  
F: 790-1099

#### Dir. Art. Myrian Camargo

#### STÚDIO MARCIA COUTO

Ballet Clássico, Jazz, Sapateado, Moderno, Baby Class

R. Pereira da Silva, 136, apto 1102, Icaraí  
F: 717-8550

#### Dir. Art. Marcia Couto

#### MINAS GERAIS

#### Belo Horizonte

CENTRO MINEIRO DE DANÇAS CLÁSSICAS

Clássico, Jazz, Sapateado Americano, Método Royal

F: 221-6111

Dir. Art. Maria Clara Saltes e Eliana Saltes  
Av. Getúlio Vargas, 102

#### ESCOLA DE DANÇAS CLÁSSICAS ANA LÚCIA

Ginástica Postural, Clássico, Moderno, Jazz

Av. do Contorno, 5469  
Dir. Art. Ana Lúcia de Carvalho

#### STÚDIO NÚCLEO ARTÍSTICO

Av. do Contorno, 6283, loja 10  
F: (031) 227-3911/225-8120/225-4629

#### ACADEMIA DE BALLET SKEMA

Jazz, Sapateado, Clássico

R. Machado de Assis, 655  
F: 235-0854

#### Dir. Art. e Ger. Lisete de Freitas

#### ESPRÍTO SANTO

Clássico, Sapateado, Ballet Clássico, Método Royal Acad-emy of Dance

R. Chapot Presvot, 89  
F: 225-2418

#### Dir. Art. Lenira Borges

#### MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande

#### RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

#### ESCOLA DE DANÇA SALMA CHEMALE

R. Marechal Floriano, 49  
F: 25-3268

#### Dir. Art. Salma Chemale

#### BALLET STÚDIO ACADEMIA DE DANÇA LTDA

R. São Vicente, 180  
F: 31-0395

Dir. Art. Mª Cristina F. Fragozo

#### BALLET VERA BUHLITZ

R. Cel. Corte Real, 227  
F: 32-1097

#### Cruz Alta

BALLET JUSSARA MIRANDA  
Contemporâneo, Jazz e Clássico

R. Pinheiro Machado, 1010  
F: (055) 322-3977

#### Dir. Art. Jussara Miranda

#### Rio Grande

ACADEMIA ENSAIO

Ballet Clássico, Jazz, Sapateado e Ginástica Acrobacia

R. Benjamin Constant, 156  
F: 32-1971

#### Dir. Art. Eugênia C. Klingner

#### SANTA CATARINA

Florianópolis

GRUPO DE GINÁSTICA E DANÇAS IEE

Av. Rubens de Arruda Ramos, 16  
F: 22-5869

#### Dir. Art. Walter Coelho

#### PARANÁ

Maringá

ESCOLA GESTO, ARTE E MOVIMENTO

Ballet Clássico, (RAD), Jazz, Sapateado, Ginástica

Av. Cerro Corá, 840  
F: (0442) 22-8326

#### Dir. Art. Daisa Poltronieri

#### ACADEMIA OLÍMPICA

Ginástica Estética e Acrobacia, Musculação, Halteres, Jazz, Baby Class, Ballet Clássico, Ioga, Capoeira, Karatê, Tratamentos faciais e corporais

R. José Alves Cavalcanti, 940  
F: 239-3717

#### Dir. Art. Tete Dantas

#### PERNAMBUCO

Paulista

ACADEMIA CORPORAL JANGA-PAULISTA

Av. Cabedelo, 263  
F: 429-1144

#### Dir. Art. Marilde Varela

#### GUIA DE COMPRAS

#### LONDRINA

BALLETO - Ind. de Calçados, Vestuários e Artefatos de Tecidos

Lida  
R. Paranaguá, 1284  
F: 24-6236

#### UBERLÂNDIA

JINA CONFECÇÕES LTDA.

R. Floriano Peixoto, 488  
F: 234-8778/235-9397

# A G E N D A

## J U N H O

**Grupo Corpo.** Nova Produção de Rodrigo Pedernheiras com música especialmente composta pelo grupo mineiro Uakti. 18 a 22. Teatro Municipal de São Paulo.

**Balé do Teatro Municipal do Rio,** com Floresta Amazônica. Mês inteiro.

**Projeto Cargo 92.** Comemoração do 5º Centenário do Encontro entre a Europa e as Américas. Cia. de Dança DCA/Philippe Decouffle, com o espetáculo Triton. 11 e 12. Teatro Municipal de São Paulo. Companhia Teatral Philippe Genty. 17, 18 e 19. Sala Artur Rubinstein (São Paulo). Cargo 92 será recebido ainda em Salvador, Fortaleza, Curitiba, Rio, Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte e Florianópolis.

**Carlton Dance,** em São Paulo, de 24 a 5 de julho, no Teatro Sérgio Cardoso. No Rio, de 24 a 30, no Teatro Municipal.

**Balé Teatro Guaira.** Dia 20. Única apresentação ao ar livre em São Paulo.

**Grupo Corpo.** De 24 a 28, Teatro do Palácio das Artes, Belo Horizonte. Dia 30, abertura do Congresso de Dança no Sesc de Santos.

## J U L H O

**Carlton Dance,** em Campos do Jordão. De 3 a 5, no Auditório local.

**Festival de Dança em Curitiba.** Abertura com o Balé Guaira. Teatro Guaira.

**Grupo Corpo.** Dias 9, 10, 11 e 12. Teatro Nacional de Brasília. De 16 a 19. Teatro Municipal do Rio.

## A G O S T O

**Balé da Cidade de São Paulo.** Programa com trabalhos de Oscar Araiz. De 30 de julho a 3 de agosto. Teatro Municipal de São Paulo.

**Balé da Cidade de São Paulo.** Programa a definir. De 27 a 31. Teatro Municipal de São Paulo.

**Balé Teatro Guaira.** Em São Paulo. Data e local a definir. Dois espetáculos de D. Quixote com Fernando Bujones e um ao ar livre apresentando *Exultate e Pastorate*.

**Grupo Corpo.** Dia 01, Centro de Convenções do Recife. De 06 a 09, Teatro José de Alencar, Fortaleza. Dia 15, espetáculo ao ar livre em São Luís. Dias 19 e 20, Teatro Iemanjá, Salvador.

## S E T E M B R O

**Balé Nacional da Hungria.** Dias 2, 3 e 4. Teatro Municipal de São Paulo

**American Ballet Theatre.** De 9 a 20, com três programas diferentes. Teatro Municipal de São Paulo.

**Balé Teatro Guaira.** Estréia de Os Sete Pecados Capitais (Brecht - Weill) de Sparemblok. A partir do dia 17. Teatro Guaira (Curitiba).

**Cia de Dança do Palácio das Artes.** Memorial da América Latina, São Paulo. Data a definir.

**Grupo Corpo.** Dia 09, Teatro Ouro Verde, Londrina. Dia 12, Teatro de Arame, Curitiba. Dia 16, Teatro Carlos Gomes, Blumenau. De 18 a 20, Teatro do CIC, Florianópolis. De 24 a 27, Teatro São Pedro, Porto Alegre.

## O U T U B R O

**Balé da Cidade de São Paulo.** Temporada com as coreografias do americano José Limon. De 22 a 27. Teatro Municipal de São Paulo.

**Balé Teatro Guaira.** Manhãs dominicais para jovens coreógrafos. Teatro Guaira, Curitiba.

**Cia Palácio das Artes.** Teatro Nacional de Brasília. Data a definir.

## N O V E M B R O

**Nancy Stark Smith e Alito Alessi,** americanos que vêm a São Paulo divulgar a Contact Dance. Curso no Espaço Viver (011-883-7942). Espetáculos: local a definir. Primeira quinzena do mês. São Paulo.

**Cisne Negro.** Retrospectiva dos 15 anos da companhia. Teatro Municipal São Paulo. Data a definir.

## D E Z E M B R O

**Balé da Cidade de São Paulo.** Retrospectiva da gestão atual. De 1 a 13. Teatro Municipal de São Paulo.

**Dança Porto Alegre.** 1º semana. Espetáculos com grupos locais e seminários. Teatro São Pedro. Oficinas, local a definir. Porto Alegre.

## INFORME PUBLICITÁRIO

ACORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR SEU SONHO DE DANÇAR NA BROADWAY, VIAGNANDO PELO PROGRAMA QUE O EXPERIMENTO, A STEPS E A DANÇAR CRIARAM VISANDO SEU APRECIAMENTO. O PACOTE INCLUI A FREQUÊNCIA EM AULAS NA MAIS FAMOSA ACADEMIA SITUADA NA BROADWAY, A STEPS, COM PROFESSORES DO MAIS ALTO CABARITO E O USUFRUTO DAS ATRAÇÕES QUE NOVA YORK OFERECE. TODOS PODEM PARTICIPAR DESSE PROGRAMA PORQUE ARRANJE TODOS OS NÍVEIS, DO INICIANTE AO ADIANTADO, E NAS MAIS DIVERSAS MODALIDADES. TODO O PROGRAMA FOI ELABORADO PARA OFERECER UM PREÇO ACESSÍVEL E VIÁVEL A UM NÚMERO MAIOR DE PESSOAS, ALÉM DE OFERECER UMA SEMANA OPCIONAL DE TURISMO NA DISNEYWORLD, EPCOT CENTER E MCM.

MAIORES INFORMAÇÕES COM O EXPERIMENTO DE CONVIVÊNCIA INTERNACIONAL, RUA MARIO FERRAZ, 492. TEL: (011) 820-1122 OU ATRAVÉS DE SEUS REPRESENTANTES ESPALHADOS PELO PAÍS.

3º lugar ENDA SP 1990

1º lugar ENDA BRASIL 1990

Melhor da Noite ENREDANÇA 1990

2º e 3º lugar CAPÉZIO 1991

Prêmio Revelação CAPÉZIO 1991

2º lugar ENDA SP 1991

Prêmio Especial do Juri PROMODANÇA 1992

Melhor Coreografia PROMODANÇA 1992

Prêmio Qualificação do Juri PROMODANÇA 1992

1º lugar Amador CAPÉZIO 1992

2º lugar Semi-Profissional Clássico CAPÉZIO 1992

2º lugar Semi-Profissional Neo-Clássico CAPÉZIO 1992



Estes são alguns dos

resultados obtidos por um

sério trabalho dedicado à

Dança nos últimos três

anos, desde a fundação do

Centro de Dança Gisele

Bellot e criação do grupo

Dans La Danse, por ela

dirigido.

Mas o trabalho não se restringe à Dança. Vem ganhando vulto, entre executivos e grandes empresas, o trabalho desenvolvido pelo Centro de Dança Gisele Bellot, nas Técnicas Dirigidas de Terapia Corporal e Relaxamento. Igualmente sérios, são os cursos integrados à área, como: Sapateado Americano, Jazz, Expressão Corporal, Ginástica Localizada, Ginástica para 3ª Idade, Musculação, Alongamento, Cursos de Teatro e Lançamentos de trabalhos periódicos.

**Por tudo isto estamos ampliando nossas instalações e gostaríamos de convidá-lo (a) a nos visitar no novo "Espaço"**



CENTRO DE DANÇA GISELE BELLOT  
Rua Wanderlei, 939 - Perdizes - SP Fones: 826-3589 e 264-7225 (Stra. Anita)

*Un parfum pour l'âme.*



**NINO CERRUTI**

*pour femme*  
PARIS